

ISTO É

Edição 9 - 31/10/25

A SEMANA

A GUERRA DO RIO

Ação policial contra o crime organizado nos complexos da Penha e do Alemão deixa um rastro de 119 mortos e escancara a crise da segurança pública no país

Corpos resgatados pela população e expostos em via pública



ISTO É
sustentável

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Editorial

Horror e morte na Cidade Maravilhosa

Símbolo do Brasil, admirado mundo afora por sua beleza e exuberância, o Rio encerra um lado sombrio, violento e mortífero, onde se aloja o crime, a corrupção, o tráfico e todo tipo de miséria humana. Nos últimos dias, o que existe de pior na cidade veio à tona a reboque de mais uma ação policial que tentava combater o tráfico e o crime organizado em dois imensos complexos de favelas, nas franjas da metrópole. O resultado, com seus 119 mortos oficialmente contabilizados, extrapolou tudo o que se viu até hoje.

O Rio tem um longo histórico de iniciativas de combate ao crime organi-



ALINE MASSUCA

Ação foi deflagrada nos complexos do Alemão e da Penha

zado. Houve o momento das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs), em que bases policiais foram instaladas em favelas e, por algum tempo, trouxeram uma paz ilusória e fugaz. E ocorreram ações bombásticas e letais – não tanto quanto a atual. A questão é que passado o choque, o organismo maligno do

crime se recompõe e volta a governar os bolsões de pobreza da cidade. Sem apoio do estado, sem políticas públicas, educação, trabalho decente ou perspectivas de vida para a juventude, a população segue abandonada à mercê do mal, sufocada e humilhada numa das cidades mais lindas do mundo.

Índice

FOTO DA CAPA: RICARDO MORAES/REUTERS

- 4 ENTREVISTA
- 7 BRASIL
- 15 ECONOMIA
- 17 INTERNACIONAL
- 21 TECNOLOGIA
- 23 SAÚDE
- 25 GENTE
- 28 ESPORTE
- 30 ESTILO DE VIDA
- 33 ENTRETENIMENTO
- 39 O MELHOR DAS REDES
- 40 PALAVRA POR PALAVRA



MARTIN BERNETTI/AFP

Navio de guerra dos EUA nas águas do Caribe



DIVULGAÇÃO

Monique Evelle, investidora e shark tank



LAURA CASTOR

Kleber Mendonça, Wagner Moura e "O Agente Secreto"

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL:
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA-EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR
E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br
Instagram: @revistaistoe
YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE
X: @revistaISTOE
TikTok: @revistaistoe
LinkedIn: <https://www.linkedin.com/company/istoe/>
Redação e correspondência:
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ – A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Dian: colaboração com polícias de outros estados para monitorar a movimentação de criminosos



“Tecnologia é indispensável”

Delegado-geral da Polícia Civil de São Paulo, Artur Dian, explica como ferramentas de investigação, inteligência e a integração entre forças têm sido utilizados no combate ao crime no Estado

Desde 2023, Artur Dian lidera uma estratégia da Polícia Civil de São Paulo voltada a asfixiar financeiramente o PCC e outras facções. A combinação entre operações integradas e tecnologia de ponta – como o sistema Muralha Paulista e o Smart Sampa – tem impulsionado os

resultados, defende. A Operação Carbono Oculto, deflagrada em agosto e que integrou órgãos, revelou esquemas de lavagem de dinheiro ligados ao setor de combustíveis. Para Dian, a cooperação entre instituições é essencial para desmontar essas redes.

João Vitor Revedilho

Como avalia os resultados da Polícia Civil desde que assumiu seu posto em 2023?

Ao assumir, enfrentávamos índices criminais elevados e um déficit significativo nas polícias. Nosso foco foi atacar pontualmente as lideranças do crime organizado, tanto na parte operacional quanto financeira, para aumentar a produtividade policial e devolver a sensação de segurança à população. Os resultados têm sido positivos, com operações diárias da Polícia Civil, Militar e Técnico-Científica em todas as regiões. Ainda há muito por fazer, mas a pasta da Segurança segue trabalhando intensamente e obtendo avanços concretos no combate à criminalidade.

Qual a participação do sistema de monitoramento inteligente na redução dos índices de criminalidade?

A implantação do sistema Muralha Paulista, integrado ao Smart Sampa, é fundamental para a segurança pública. O alto investimento em tecnologia – abrangendo ferramentas de investigação, inteligência e atendimento a 65% da população – tornou-se indispensável para nossas operações. Esses sistemas fornecem informações cruciais para investigações e reforçam a sensação de segurança. Nossa equipe busca referências internacionais, mas também desenvolvemos tecnologia própria para agregar ferramentas cada vez mais eficazes na resolução de crimes.

Qual o estágio atual da Operação Carbono Oculto contra o PCC?

A segunda fase dessa operação foi conduzida de forma integrada, envolvendo Secretaria de Segurança Pública, Ministério Público, Polícia Federal, Receita Federal e Secretaria da Fazenda. Esse modelo colaborativo é essencial, pois dependemos de dados de diversas instituições para construir investigações sólidas e embasar ações efetivas. As operações revelaram um sistema altamente estruturado de lavagem de dinheiro, onde facções como o PCC utilizavam a economia formal para pulverizar recursos ilícitos e convertê-los em capitais legítimos. O trabalho conjunto foi fundamental para desvendar esse esquema.

Como o PCC conseguiu dominar setores como combustíveis e hotelaria?

A investigação, fruto da colaboração entre Ministério Público e órgãos de segurança, confirmou que o PCC atua em toda a cadeia de combustíveis – de poços de petróleo a usinas. Rastreamos o fluxo financeiro até instituições formais, comprovando a infiltração do crime organizado na economia legal. Os recursos ilícitos, originados de fraudes e tráfico, são lavados via empresas de fachada. Identificamos os pontos finais dessa lavagem. Novas fases da operação visam capturar mais integrantes. O combate agora é sistêmico, atacando da base até as estruturas financeiras que maquiavam esses capitais.

Há outras áreas de atuação do PCC sob investigação?

Identificamos a atuação do crime organizado em setores como combustíveis, motéis e dezenas de outras áreas atualmente sob investigação. Os processos buscam comprovar o enraizamento dessas organizações na economia formal, incluindo o varejo e diversos segmentos. No setor público também existem indícios de infiltração, como constatado em operações que revelaram o controle criminoso sobre hospitais vinculados a prefeituras. Essa penetração em múltiplos setores resulta de uma combinação de fatores, incluindo possível negligência estatal, que permitiu ao crime organizado se infiltrar profundamente na sociedade.

Por que o PCC cresceu tanto nos últimos 20 anos? Houve negligência do Estado?

De certa forma, o Estado não reconheceu o poder do crime organizado, nem percebeu como suas raízes se estabeleciam e em quais setores atuavam. Infelizmente, eles tiveram tempo para se organizar e se estruturar. Atualmente, não lidamos apenas com lideranças presas, mas também com líderes inseridos em diversos segmentos da sociedade. É possível estar em um restaurante – seja popular ou de alto padrão – e encontrar ao lado pessoas envolvidas com o crime organizado, agora enraizadas no tecido social.



Quais os próximos passos para asfixiar financeiramente o PCC?

É crucial asfixiar financeira e operacionalmente essas redes. Temos um laboratório analisando mais de R\$ 20 bilhões suspeitos – que, se comprovados ilícitos, serão revertidos para segurança pública, fortalecendo equipamentos e valorizando profissionais em benefício da população. Cada etapa dessas operações gera um volume significativo de material, que é utilizado para fundamentar as fases subsequentes. Dessa forma, conseguimos tanto retirar indivíduos de circulação – por meio de prisões temporárias, preventivas e sequestro de bens e valores – quanto identificar as conexões estabelecidas entre eles, assegurando que nenhuma linha de investigação permaneça em aberto.

Como classificar o PCC hoje: máfia, organização criminosa ou grupo terrorista?

Trata-se de uma organização criminosa altamente estruturada e com significativo poder financeiro, já classificada como terrorista por alguns países. Embora ainda não tenha alcançado o status de máfias tradicionais, sua infiltração na economia formal e prática de extorsão representam um risco de enraizamento profundo na sociedade. Para impedir essa evolução, há iniciativas legislativas em andamento, com

a liderança do secretário Derrite [Guilherme Derrite, secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo] visando classificar essas organizações como terroristas perante o Congresso Nacional. O objetivo é combater essa ameaça antes que assuma proporções ainda mais graves.

Como investigam a infiltração do PCC em polícias?

Em todos os países, inclusive nas nações mais desenvolvidas, é reconhecido que parcelas do poder público podem se envolver com a criminalidade. Seguindo a diretriz do governador Tarcísio [de Freitas] e do secretário Derrite de “cortar na própria carne” se necessário, agimos decisivamente diante de um crime bárbaro ocorrido em plena luz do dia no maior aeroporto do país [assassinato do empresário Antônio Vinicius Lopes Gritzbach, em novembro do ano passado; ele foi investigado por envolvimento com o PCC e fez acordo de delação premiada com o Ministério Público de São Paulo]. As investigações apontaram o envolvimento, direto ou indireto, de funcionários públicos e policiais civis e militares, que foram presos. Essa postura firme é fundamental para apurar os fatos sem favorecimentos, assegurando que todos os responsáveis, independentemente de sua posição, sejam encaminhados à Justiça.

Houve negligência do Estado em relação à infiltração do PCC nas instituições?

Em uma corporação com mais de 100 mil profissionais, é inevitável a ocorrência de desvios de conduta, o que reforça a importância fundamental dos órgãos correccionais. Implementamos sistemas de controle que acompanham os policiais desde a Academia, com investigação social e monitoramento contínuo ao longo da carreira. A atuação das corregedorias tem sido efetiva no combate a esses desvios, incluindo casos de possível envolvimento com o crime organizado, situações que não serão toleradas sob nenhuma circunstância pela instituição.

Como monitoram a chegada do Comando Vermelho em São Paulo?

O trabalho interagências tem sido fundamental para combater a expansão do crime organizado. Mantemos colaboração próxima com a Polícia Civil e a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, permitindo identificar a instalação de facções como o Comando Vermelho em novas regiões, incluindo Piracicaba. Essa troca de informações e operações conjuntas resultou na prisão de integrantes e na interrupção precoce da expansão criminosa. Além do Comando Vermelho, nós monitoramos a atuação da Quadrilha do Norte. A cooperação entre todas as polícias do Brasil tem sido essencial para detectar esses movimentos e combater eficazmente as organizações criminosas.

Qual o andamento das investigações do assassinato do delegado Ruy Fontes [executado em setembro no litoral paulista]?

O assassinato do doutor Ruy, ex-delegado-geral com 40 anos de serviço, foi um atentado terrorista: indivíduos armados com rifles atacaram uma vítima indefesa após um acidente. A investigação, complexa e minuciosa, revelou um crime planejado por meses. Nove envolvidos foram identificados – seis já presos, um morto em confronto no Paraná e dois em monitoramento. Todos os responsáveis por este assassinato brutal serão levados à Justiça.



Já identificaram o mandante?

A investigação segue duas linhas principais de motivação. A primeira relaciona-se à trajetória de quatro décadas no combate ao crime organizado, período em que sofreu ameaças reiteradas desde 2006. A segunda analisa sua atuação na Prefeitura de Praia Grande, onde pode ter identificado irregularidades. Está confirmada a autoria por integrantes do crime organizado. A apuração continua para determinar a motivação e identificar os mandantes.

E as investigações sobre as bebidas adulteradas com metanol?

O combate à adulteração de bebidas é uma atuação histórica da Polícia Civil, que somente este ano prendeu mais de 50 pessoas. Diante dos casos de contaminação por metanol, o governo instalou um gabinete de crise, reunindo secretários e empresas idôneas do setor em uma força-tarefa. Na semana passada, foi presa uma mulher ligada a um distribuidor de bebidas adulteradas, e o trabalho agora avança para apurar a procedência do álcool contaminado. Utilizar etanol de posto já constitui crime gravíssimo contra a saúde pública.

Como está a situação do déficit de policiais civis?

Ao início da gestão, identificamos um déficit de 33% no efetivo policial. Para enfrentar essa carência, o gover-

nador Tarcísio autorizou os dois maiores concursos da história da corporação, que resultarão na integração de 7.500 novos policiais civis, elevando o efetivo total para aproximadamente 33 mil integrantes. Paralelamente à recomposição de pessoal, implementamos uma reestruturação territorial, fechando delegacias com baixa demanda e transferindo acervos para otimizar recursos. Essa reorganização, somada ao uso de inteligência e tecnologia, já apresenta resultados positivos para a segurança pública do estado.

Qual sua avaliação sobre a PEC da Segurança Pública?

O trabalho integrado entre os órgãos de segurança é fundamental, mas a PEC precisa de revisão para respeitar o pacto federativo. É necessário equilibrar as competências da União, como o controle de fronteiras, com o papel essencial das polícias estaduais, sem centralizar excessivamente as atribuições. Também é urgente reformar o sistema de justiça criminal para combater o efeito “porta giratória”. Entre janeiro e setembro, foram presas 520 mil pessoas, mas a população carcerária permanece em 210 mil – muitos reincidem rapidamente. É preciso revisar benefícios carcerários e a aplicação de institutos como a audiência de custódia, adaptando as normas à realidade da segurança pública. **E**



Dor e lágrimas por mortos na operação realizada pelo governo do Rio nos complexos do Alemão e da Penha

Violência em estado bruto

A guerra sangrenta travada entre polícia carioca e o Comando Vermelho nos complexos do Alemão e da Penha, com seus 119 mortos, escancara a dimensão da crise de segurança pública que afeta o Rio e o Brasil

Planejada ao longo de 60 dias, uma megaoperação conduzida pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, sob comando do governador Cláudio Castro (PL) e das polícias Civil e Militar, foi deflagrada na manhã da terça-feira, 28, com um objetivo: cumprir 100 mandados judiciais contra integrantes do Comando Vermelho (CV) nos complexos do Alemão e da Penha, na zona norte do Rio. Sob o nome de Contenção, a ação reuniu cerca de 2.500 agentes de segurança pública. Toda essa preparação resultou em um confronto de escala jamais vista em uma cidade brasileira. Houve revide da facção, que usou drones para lançar granadas contra as forças de segurança. O cenário era de guerra com tiros, bombas, barricadas em chamas, fuma-

ça, veículos blindados e a população tentando fugir ou se esconder do terror. O resultado: 119 mortes, segundo o balanço oficial. Ou 132, como estima a Defensoria Pública do Estado.

No primeiro informe da Secretaria de Polícia Militar do Rio de Janeiro relativo aos mortos, o número divulgado foi 64, sendo “60 suspeitos e quatro policiais”. A manhã do dia seguinte revelaria um acontecimento ainda mais chocante. Na madrugada, moradores do Complexo da Penha recolheram cadáveres que ficaram para trás em uma região de mata que separa os dois complexos de favelas. De acordo com relatos da comunidade, mais de 60 corpos foram retirados da área, localizada no alto de um morro. A região é conhecida como Vacaria, na Serra da Misericór-

dia, e concentrou confrontos violentos entre as forças policiais e os traficantes.

Os corpos levados pelos moradores foram enfileirados na praça São Lucas, parte deles cobertos por lençóis, parte expostos à vista da população. Eram todos homens, alguns jovens, adolescentes, como comentavam moradores. Eles foram dispostos na rua à espera do Instituto Médico-Legal (IML), mas o quadro que se formou, com familiares chorando seus mortos, também funcionou como um retrato aterrador da violência no Rio. Outros cadáveres foram encontrados em outra área de mata no Complexo do Alemão e foram levados ao Hospital Getúlio Vargas.

As imagens ganharam o mundo. Na quarta-feira, 29, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas



Barricadas foram montadas para dificultar o avanço policial

MAURO PIMENTEL/AFIP

(ONU), o português António Guterres, manifestou “profunda preocupação” com o número de vítimas da Operação Contenção. Ele pediu “investigação imediata” e a garantia de que qualquer ação policial siga as normas internacionais de direitos humanos.

Com esses números, a megaoperação nos complexos do Alemão e da Penha superou em letalidade o que se tem como o maior morticínio resultante de uma ação policial: as 111 mortes de detentos da Penitenciária do Carandiru, em São Paulo, hoje extinta. Naquele dia, 2 de outubro de 1992, uma briga entre presos que ficavam no Pavilhão 9 deu início a uma confusão e, depois, a uma rebelião. A Polícia Militar foi acionada. Com o fracasso na negociação entre autoridades e rebeldes, o governo paulista autorizou a entrada armada no presídio: 341 policiais da Tropa de Choque tomaram o local, entre outros agentes. Dos 111 detentos mortos, 84 deles não tinham sentença. O episódio marcou o colapso do sistema prisional e gerou uma denúncia do Brasil à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA.

Esse fantasma do passado ressurgiu na quarta-feira, diante dos corpos enfileirados na praça São Lucas. Nesse dia, o governador Cláudio Castro dis-



Moradores levaram para a praça São Lucas corpos que ficaram para trás

se, em coletiva de imprensa, ter “total tranquilidade” em defender a operação policial contra o Comando Vermelho. Castro declarou que as únicas “vítimas de verdade” foram os quatro policiais mortos nos confrontos. E pontuou que os confrontos entre as forças de segurança e os criminosos ocorreram fora de áreas residenciais. “Não creio que tivesse alguém passeando na mata em um dia de conflito e, por isso, a gente pode tranquilamente classificar [os mortos como criminosos] e, se tiver al-

gum erro de classificação, com certeza é residual, irrisório”, afirmou.

Castro defendeu o “sucesso” da operação, que contou ainda com o apoio de 32 blindados terrestres – entre eles os famigerados caveirões – e dois helicópteros, de acordo com a Agência Pública. O governo divulgou que foram feitas 113 prisões. Dez adolescentes foram encaminhados a unidades socioeducativas.

Mas um dos principais alvos da polícia escapou da ação. Edgar Alves de Andrade, conhecido como Doca, é apontado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro como o principal líder do Comando Vermelho em atuação nos complexos do Alemão e da Penha. Segundo o secretário estadual de Segurança Pública, Victor Santos, Doca utilizou “soldados” do tráfico para criar uma barreira humana e dificultar sua captura. O Disque Denúncia oferece R\$ 100 mil por informações que levem à sua prisão. Acusado de mais de 100 homicídios e com 34 mandados de prisão em aberto, Doca é considerado um dos criminosos mais perigosos do país. Ele ocupa posição logo abaixo de Marcinho VP e Fernandinho Beira-Mar na hierarquia do Comando Vermelho.

A megaoperação remeteu a outra ação no Complexo do Alemão que também repercutiu nacionalmente. Em 28 de novembro de 2010, cerca de 2,6 mil agentes, entre policiais militares, civis, federais e integrantes das Forças Armadas, avançaram sobre o Complexo do Alemão, após uma semana de ata-



MAPA PRODUTIVO COM IMAGEM DO GOOGLE

ques promovidos por facções criminosas em reação à implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A comunidade foi tomada por tanques, helicópteros e blindados da Marinha. Dias antes, forças de segurança tinham ocupado a Vila Cruzeiro, o que forçou centenas de criminosos a fugirem em direção ao Alemão, o que foi registrado em tempo real pela TV Globo, com imagens que mostravam homens armados correndo por uma estrada de terra.

A Defensoria Pública da União (DPU) e 29 entidades repudiaram a megaoperação. Em nota, a DPU alegou que “ações estatais de segurança pública não podem resultar em execuções sumárias, desaparecimentos ou violações de direitos humanos, sobretudo em comunidades historicamente marcadas por desigualdade, ausência de políticas sociais e exclusão institucional”.



FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

Lewandowski e Castro anunciaram escritório para combate ao crime organizado

Escritório emergencial une governo estadual e federal

No primeiro momento em que falou publicamente sobre a Operação Contenção, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), declarou que o Estado “estava sozinho” no combate ao crime organizado. Ele disse não ter recebido apoio do governo federal na mobilização de blindados e de pessoal. “Para uma guerra desta, que nada tem a ver com a segurança urbana, deveríamos ter um apoio muito maior. Neste momento, talvez até de Forças Armadas”, afirmou na coletiva de imprensa, na quarta-feira, 29.

No mesmo dia, o ministro da Justiça e da Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, afirmou não ter recebido qualquer pedido formal de Castro a respeito da megaoperação. O Ministério da Defesa, por sua vez, alegou que só poderia conceder apoio logístico em caso de decreto de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), medida que cabe ao presidente da República.

A megaoperação ocorreu enquanto o presidente Luiz Inácio Lula da Silva estava em viagem pela Ásia. Posteriormente, foi informado sobre o número de mortos e ficou “estarecido”, de acordo com Lewandowski. O ministro se reuniu na quarta-feira, 29, com Lula e depois viajou ao Rio de Janeiro para se encontrar com Castro. Segundo ele, o

presidente se mostrou surpreso que uma operação como a Contenção fosse desencadeada sem conhecimento do governo federal. Lewandowski revelou que, diante da “magnitude do problema”, Lula determinou que o governo federal trabalhasse com Castro para identificar as necessidades do estado. “Vamos procurar minimizar o sofrimento do povo, apoiar as forças de segurança e intensificar naquilo que for possível o combate às organizações criminosas”, disse, em entrevista coletiva.

Na própria quarta-feira, foi anunciada a criação de um escritório emergencial de integração contra o crime organizado, com sede no Palácio Guanabara, no Rio. O foco está em melhorar a articulação entre as forças federais e estaduais, viabilizando ações 100% integradas e rápidas. A coordenação será dividida entre o secretário nacional de Segurança Pública, Mario Sarubbo, e o secretário estadual, Victor Santos. A iniciativa servirá como embrião da futura PEC da Segurança Pública, voltada à cooperação entre União, estados e municípios. O Ministério da Justiça deve reforçar a presença da Força Nacional e da PF no estado. E a Polícia Rodoviária Federal vai empregar mais 50 homens nas rodovias do Rio, com chance

de dobrar esse número nas próximas semanas. No anúncio, tanto Lewandowski quanto Castro descartaram o uso de Forças Armadas via GLO, reforçando que o estado mantém capacidade operacional própria.

Outro movimento de Lula foi sancionar, na quinta-feira, 30, uma lei aprovada pelo Congresso Nacional que reforça o combate ao crime organizado e amplia a proteção pessoal de agentes públicos envolvidos em ações dessa natureza. A Lei nº 15.245 cria novas ferramentas legais para endurecer o combate ao crime organizado. A norma tipifica dois crimes — “obstrução” e “conspiração para obstrução” — que punem com reclusão de quatro a 12 anos quem tentar impedir, ameaçar ou retaliar investigações e processos contra organizações criminosas, inclusive por meio de violência ou intimidação. A lei também amplia a proteção pessoal a policiais, militares, juízes, promotores e seus familiares, e determina que condenados por esses crimes cumpram pena em presídios federais de segurança máxima. Na prática, a nova legislação fortalece a estrutura de enfrentamento ao crime organizado e busca garantir segurança institucional aos agentes do Estado que atuam nesse combate.



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Coautor de “Elite da Tropa”, ex-Bope defende operação

O coronel André Luiz de Souza Batista, ex-comandante do Bope e coautor de Elite da Tropa, avalia que não havia justificativa para o uso das Forças Armadas na recente operação policial no Rio de Janeiro. Para ele, o pedido de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) só seria cabível em caso de “falência operacional” das polícias estaduais, o que não ocorreu. “As forças estaduais têm plena capacidade de planejar e executar ações dessa envergadura. A GLO é uma medida excepcional, usada apenas quando há perda total de controle por parte da segurança pública local”, afirmou.

Batista também confirmou que o governo fluminense solicitou apoio logístico à Defesa, incluindo o uso de blindados da Marinha, mas os pedidos foram negados com base em parecer da Advocacia-Geral da União, que condicionou a autorização à decretação de GLO — prerrogativa exclusiva do presidente da República. “Os blindados das Forças Armadas são mais eficientes contra barricadas e oferecem maior proteção, mas diante da recusa, as forças estaduais usaram seus próprios meios”, explicou.

Sobre os resultados da ação, o coronel defende que a operação atingiu seus objetivos estratégicos. “Uma operação eficiente não teria baixas entre os policiais, mas a quantidade de criminosos neutralizados e o volume de armas retiradas de circulação representam êxito sob o ponto de vista técnico-operacional”, disse.

Na avaliação do ex-comandante, o enfrentamento direto ao crime organizado é inevitável. “Não há alternativa a não ser ocupar o terreno e devolver a soberania ao Estado. O poder paralelo precisa ser combatido com inteligência, preparo e presença constante das forças públicas”, completou.



ALINE MASSUCA/REUTERS

Balanco do governo estadual aponta que foram feitas 113 prisões

Dentre as 29 entidades que criticaram a ação estão Anistia Internacional, Instituto Sou da Paz, Grupo Tortura Nunca Mais e Instituto Papo Reto do Complexo do Alemão. Elas assinaram uma carta em que chamam a megaoperação de “uma matança produzida pelo Estado brasileiro”. E apontam que, nos quase 40 anos de vigência da Constituição Federal, “o que se viu nas favelas fluminenses foi a consolidação de uma política de segurança baseada no uso da força e da morte, travestida de ‘guerra’ ou ‘resistência à criminalidade’. Não há nela elementos que efetivamente reduzam o poderio das facções criminosas nos territórios”.

O grupo também ressaltou que “não há justificativa para que uma política estatal, supostamente voltada à proteção da sociedade, continue a ser conduzida a partir do derramamento de sangue. A segurança pública deve garantir direitos, não violá-los”.

Dois depoimentos colhidos pelo repórter Rafael Costa, do Voz das Comunidades, jornal comunitário inde-

pendente baseado no Complexo do Alemão, mostram como a megaoperação transformou a comunidade em uma zona de guerra. Durante o tiroteio, Fabiana dos Santos de Paula, mãe de duas crianças, ficou deitada no chão com os filhos e a mãe, tentando se proteger. “Foi horrível, muita tristeza, muita morte”, contou, lembrando que os moradores gritavam por ajuda, mas ninguém conseguia sair de casa. Na manhã seguinte, ela viu corpos sendo retirados das vielas.

Taiane de Oliveira, mãe de um jovem de 17, disse que tentou sair para o trabalho por volta das cinco da manhã, mas precisou se abrigar quando os tiros começaram. No dia seguinte, havia corpos queimados e mutilados, segundo o relato de Taiane. “Vi muita mãe chorando porque encontrou o filho sem um membro, sem cabeça. Tiveram de reconhecer por tatuagem”. Ela completou: “Foi uma verdadeira chacina que o Estado fez na nossa comunidade. Hoje o cheiro da Penha é de sangue, de morte”. **E**

Com reportagem de Leonardo Rodrigues

Entidades assinaram carta em que criticam o derramamento de sangue



RICARDO MORAES

Trump e Lula se reuniram na Malásia e conversaram por 45 minutos



Interesses cruzados

Com encontro entre Lula e Trump na Ásia, Brasil e Estados Unidos iniciam tratativas para reduzir tarifas de 50%, com terras raras como possível moeda de troca

João Vitor Revedilho

O tão esperado encontro entre os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e dos Estados Unidos, Donald Trump, enfim, aconteceu. No domingo, 26, em Kuala Lumpur, na Malásia, eles se reuniram no meio da tarde (madrugada no hemisfério sul) para uma conversa classificada de ótima pelo mandatário norte-americano. Passado esse momento de cordialidade registrada na mídia, o governo brasileiro começa a dar seus primeiros passos para pôr fim ao tarifação de 50% aplicado pela Casa Branca aos produtos locais. Após três meses de impasse, as negociações devem avançar em novembro, com a ida da tropa de choque do Palácio do Planalto ao encontro de autoridades da administração Trump.

Nomeados por Lula, o vice-presidente Geraldo Alckmin, o chanceler Mauro Vieira e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, devem preparar suas malas para logo. A viagem estava

prevista inicialmente para a próxima semana, mas a crise na segurança pública no Rio de Janeiro e a cúpula de líderes na COP30 (que acontece nos dias 6 e 7 de novembro) devem adiar esse encontro em alguns dias. Algumas fontes no Itamaraty acreditam que as tratativas devem sair mesmo na segunda quinzena de novembro, enquanto outras afirmam que a agenda pode ser readequada para incluir a negociação já nos próximos dias.

Liderada por Alckmin, a cúpula deverá se reunir com Marco Rúbio, secretário de Estado americano, nomeado por Trump para afinar os termos para a redução das tarifas. A Casa Branca não esconde seu interesse nas terras raras brasileiras. O governo americano passou a ser pressionado após a crise comercial com a China, revertida nesta semana após reunião entre Trump e Xi Jinping, o presidente da China (leia em box nesta reportagem). O líder republi-

cano aproveitou a viagem pela Ásia e também resolveu o impasse com o Japão, alinhando a entrega de insumos. Mesmo assim, Trump vê no Brasil o espaço para conseguir abastecer as tecnologias de defesa americanas e a produção de baterias para carros elétricos.

Embora não existam pedidos oficiais a esse respeito, o tema está na mesa do governo federal. O próprio Ministério de Minas e Energia tem vontade de aumentar a exploração de minérios especiais. Mas as negociações não devem ser simples. Para ceder parte de seus minérios, o Planalto quer a suspensão imediata ou a redução paulatina das tarifas, sendo uma parte logo no começo das negociações. No final, o governo quer reduzir 40% das tarifas aplicadas, mantendo os 10% anunciados em abril por Trump. Além disso, os brasileiros querem o fim das restrições contra ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e ministros de Estado.



Mauro Vieira e Geraldo Alckmin estão à frente das negociações

ANTONIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

Em julho, a Casa Branca aplicou a Lei Magnitsky contra Alexandre de Moraes e sua esposa, além de invalidar o visto de parentes do ministro da Saúde, Alexandre Padilha.

Esses pedidos foram entregues por Lula diretamente a Trump na reunião que marcou o pontapé oficial para as negociações. Antes do encontro frente a frente, ambos conversaram por telefone e demonstraram interesse em manter diálogo.

Até a noite do sábado, 25, Planalto e Casa Branca não tinham confirmado a reunião, que estava fora das agendas dos presidentes. Em cima da hora, jornalistas americanos foram chamados para uma sala onde já estavam o republicano e o petista. Assim se deu o encontro que selou a paz momentânea entre os dois.

Trump e Lula conversaram por 45 minutos. Parte do tempo foi usado para se conhecerem. O chefe do Planalto relembrou a época em que esteve preso na sede da Polícia Federal em Curitiba. A conversa amistosa mostrou um cenário bem diferente de minutos anteriores ao bate-papo, quando jornalistas passaram a fazer perguntas para a dupla antes mesmo da primeira troca de ideias entre eles. Logo depois de o republicano falar sobre Jair Bolsonaro (PL), respondendo a uma pergunta (ele mencionou que sempre gostou dele e que se sentiu mal com o que ocorreu

com o ex-presidente), o petista interrompeu a coletiva e pediu um tempo para a conversa a sós com o americano.

Na comitiva de Lula, no momento do encontro, estavam Mauro Vieira, Audo Faleiro (número 2 da assessoria especial da Presidência) e Márcio Elias Rosa, número 2 de Alckmin no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Do lado de Trump, estavam o secretário do Tesouro americano, Scott Bessent, e Jamieson Greer, representante do comércio e o principal responsável por negociar o tarifaço com outros países. Apesar de Rubio ter ficado de fora do encontro, o secretário de Estado foi abastecido com as informações da reunião e deve manter contato frequente com Vieira, de quem tem o telefone direto.

O que está em jogo

A guerra tarifária entre Brasil e EUA começou em julho, após Trump anunciar o aumento de impostos sobre produtos brasileiros. Para justificar o reajuste, o republicano citou o julgamento de Bolsonaro, o que classificou como uma “caça às bruxas”. Na ocasião, Lula foi pressionado para responder aplicando a mesma tarifa sobre os EUA ou atingir pontos importantes para a Casa Branca. O petista, todavia, adotou outra estratégia e preferiu apostar nas declarações de soberania do país para alavancar sua popularidade.

“A economia brasileira apresentou uma ótima resiliência ao impacto do tarifaço – mesmo com setores específicos enfrentando dificuldades. Por outro lado, o presidente Lula adotou uma postura estratégica: não cedeu aos apelos internos para aplicar a lei de reciprocidade e retaliar imediatamente, mas também não se submeteu ao canto de sereia da direita, que pedia concessões unilaterais a Trump. A abordagem manteve o equilíbrio entre firmeza e diplomacia”, afirma Aloysio Nunes, que foi chanceler entre 2016 e 2018, durante o governo de Michel Temer (MDB).

Semanas depois o cenário mudou completamente. Trump esqueceu Bolsonaro, trocou telefones diretos com Lula e manifestou o desejo de negociar com o Brasil. Na reunião da Assembleia Geral da ONU, a “química” entre ambos foi difundida pelo presidente americano.

Itamaraty, Fazenda e Ministério do Desenvolvimento garantem não haver nada de concreto sobre os pedidos da Casa Branca em troca da redução das tarifas. Entretanto, alguns interlocutores do governo apostam que o interesse vai para além das terras raras. Um dos pontos que deve entrar na convergência entre os dois países é a necessidade da redução de burocracias no comércio entre os dois países.

O governo americano também deve pleitear a redução das barreiras cinematográficas no Brasil, além da valorização das patentes de direitos autorais. Esse último, inclusive, chegou a ser alvo de pedidos da cúpula governista para atingir a Casa Branca. “A agenda bilateral é extensa e vai além das tarifas, abrangendo temas estratégicos já identificados por interlocutores dos setores privados brasileiro e norte-americano. Entre eles estão a cooperação em materiais críticos, com apoio dos Estados Unidos para identificação e levantamento geológico de reservas ainda pouco exploradas; investimentos em infraestrutura de data centers; questões relacionadas à defesa e à tributação; e a agilização do desembaraço aduaneiro, com a eliminação de burocracias que impactam a exportação e a importação. Esse conjunto de temas compõem uma moldura consistente para a retomada de uma relação mais sólida e diversificada



Marco Rúbio
irá acompanhar
as discussões
sobre tarifas

FADIEL SENNA/REUTERS

da com os Estados Unidos”, ressaltou Nunes, que atualmente lidera a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex) em Bruxelas, na Bélgica.

Outro fator pouco falado nos bastidores, mas que pode entrar nas discussões, é a regulamentação das redes sociais no Brasil. Trump está ao lado dos principais dirigentes das maiores big

techs do mundo e tem sido um defensor voraz dessas companhias. O tema, inclusive, foi um dos pontos que azedou a relação do Planalto com a Casa Branca, que ficou incomodada com a suspensão do Rumble determinada por Alexandre de Moraes no começo do ano. O ministro do STF ainda determinou a suspensão do X em agosto do ano passado, durante a campanha eleitoral nos EUA.

A derrota do bolsonarismo

Se os governistas comemoram o acerto entre Lula e Trump, os bolsonaristas vivem em clima de velório. Alguns aliados do ex-presidente afirmam que é preciso esperar para ver os próximos capítulos e se apegam na falta de certeza do presidente americano para cravar que a relação não está totalmente apaziguada. De quebra, os aliados mais ferrenhos de Bolsonaro argumentam que Marco Rubio é um grande crítico de Lula e pode atrapalhar as negociações.

Por outro lado, apoiadores que participam de articulações no Congresso Nacional já admitem a derrota do bolsonarismo nessa luta. Para eles, o interesse do governo americano nas terras raras brasileiras vai obrigar a Casa Branca a atender aos apelos do Planalto. Eles ainda têm a expectativa de ver as sanções políticas contra Moraes mantidas. Isso enviaria recados ao Legislativo e poderia ajudar na retomada do PL da Anistia, travado na Câmara dos Deputados há quase dois meses. **E**



EVELYN HOCKSTEIN/REUTERS

EUA e China: caminho para o entendimento em nome das terras raras

Os presidentes Donald Trump, dos Estados Unidos, e Xi Jinping, da China, se reuniram nesta quinta-feira, 30, em Busan, na Coreia do Sul, no primeiro encontro bilateral após as tensões comerciais estabelecidas entre os dois países por uma guerra tarifária. No foco também estavam as chamadas terras raras, insumos fundamentais para as indústrias de alta tecnologia, como semicondutores e baterias – e presentes em grande parte em território chinês. A reunião, que durou cerca de 1h40, teve tom cordial e resultou em uma trégua econômica com medidas práticas imediatas.

Trump anunciou a redução das tarifas sobre produtos chineses de 57% para 47%. Em contrapartida, Xi comprometeu-se a suspender, por um ano, as restrições à exportação de terras raras. As duas partes também concordaram em eliminar taxas portuárias especiais aplicadas a navios de seus respectivos países.

O presidente americano classificou o encontro como “realmente muito bom”. Ele destacou que Pequim voltará a comprar grandes quantidades de soja e sorgo americanos, o que beneficia diretamente

agricultores do Meio-Oeste, base eleitoral republicana. Trump confirmou que a China colaborará para conter a crise do fentanil (analgésico potente de uso hospitalar) e começará a importar petróleo e gás do Alasca.

Xi Jinping disse que os dois países alcançaram “um consenso para tranquilizar os ânimos do mundo” e que podem “assumir conjuntamente sua responsabilidade como grandes potências”. O Ministério do Comércio de Pequim confirmou as suspensões, ressaltando que o gesto busca “restaurar a previsibilidade do comércio global”.

Trump confirmou uma visita oficial à China em abril de 2026, quando as delegações devem discutir um pacto mais abrangente. Analistas avaliam que, embora o clima tenha sido amistoso, as divergências estruturais — especialmente nas áreas de IA e microchips — continuam a desafiar a relação entre Washington e Pequim.

Para o Brasil, o novo entendimento sino-americano tem efeitos relevantes. O arrefecimento da disputa reduz a pressão sobre os preços globais de commodities e pode influenciar as exportações agrícolas brasileiras, especialmente de soja.

Dedução indevida

Vale e Samarco são multadas em mais de R\$ 1,8 bilhão por abaterem despesas com reparações ligadas à tragédia de Mariana no Imposto de Renda

A Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN) obteve, na segunda-feira, 27, decisão favorável à União contra a Samarco Mineração S.A. e sua controladora, a Vale S.A., em processo que tratava de dedução indevida de despesas com reparação e multas ambientais no Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ) e na Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). Os valores se referem a gastos ligados à tragédia de Mariana (MG), em novembro de 2015. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf), órgão colegiado do Ministério da Fazenda, manteve as autuações, que somam mais de R\$ 1,8 bilhão, referentes aos exercícios de 2016 a 2019.

A decisão reforça o entendimento da PGFN de que valores destinados a reparar danos ambientais e sociais, ainda que derivados de acordos judiciais, não podem ser deduzidos como despesas operacionais, pois não se enquadram no artigo 47 da Lei nº 4.506/1964. A norma restringe a dedutibilidade a gastos considerados “normais, necessários e usuais” à atividade da empresa, o que não se aplica a tragédias excepcionais, como a de Mariana.

A medida chega em um momento em que a Vale busca reposicionar sua imagem no mercado e retomar o posto de maior produtora mundial de minério de ferro, posição perdida para a australiana Rio Tinto após o rompimento de

sua barragem em Brumadinho (MG), em 2019. A mineradora prevê recuperar a liderança ainda neste ano.

No Carf, o procurador da PGFN Vinícius Campos argumentou que permitir a dedução de despesas ligadas ao desastre de Mariana “desvirtuaria o sistema tributário e criaria um modelo contraditório, no qual o Estado aplica uma penalidade e, ao mesmo tempo, admite que ela gere benefício fiscal”. O colegiado concordou com a tese da Procuradoria, reforçando que esses gastos não podem ser considerados usuais ou necessários à atividade mineradora, pois decorrem de um sinistro excepcional.

Em sua defesa, a Samarco alegou que os valores deduzidos provinham de acordos judiciais, como o Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), que levou à criação da Fundação Renova, responsável pelas ações de reparação e indenização. Para a companhia, tais despesas eram essenciais à continuidade das operações e, portanto, dedutíveis. A PGFN rechaçou o argumento, afirmando que a reparação de desastres não se enquadra como risco ordinário de atividade empresarial, mas como um evento extraordinário que não gera direito a benefício fiscal.

Por ser acionista da Samarco e responsável subsidiária pelo cumprimento do TTAC, a Vale também tentou utilizar o mesmo mecanismo para abater valores do IRPJ e da CSLL, mas o Carf rejeitou a tese. De acordo com o órgão, “os repasses não se relacionam com as transações ou operações produtivas” das empresas e não podem ser considerados despesas operacionais. Ainda cabe recurso administrativo da decisão.

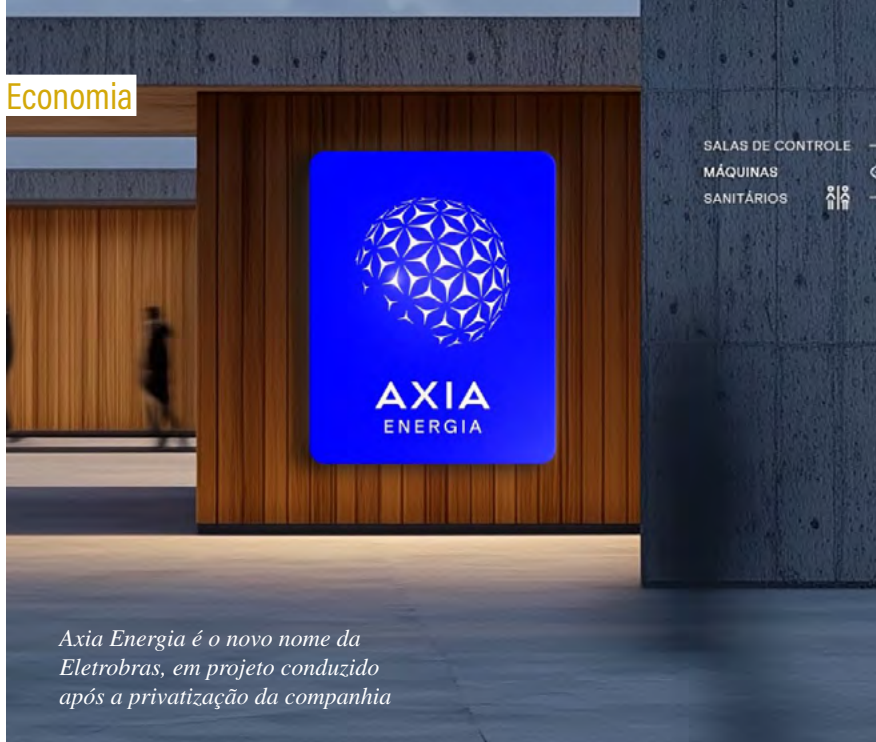
Dez anos depois

O rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), em 5 de novembro de 2015, foi o maior desastre ambiental da história do Brasil. A estrutura da Samarco liberou milhões de metros cúbicos de rejeitos que destruíram o distrito de Bento Rodrigues, deixaram 19 mortos e centenas de famílias desabrigadas. A tragédia expôs a fragilidade da fiscalização e dos mecanismos de controle da mineração no país. Dez anos depois, as comunidades atingidas ainda lutam por reparações integrais. **E**

Penalidades ligadas ao desastre de Mariana não podem gerar benefício fiscal, afirma Procuradoria-Geral da Fazenda



ANTONIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL



Axia Energia é o novo nome da Eletrobras, em projeto conduzido após a privatização da companhia

DIVULGAÇÃO

Nova identidade

Projeto de rebranding da Eletrobras sinaliza reposicionamento pós-privatização; confira outras empresas que mudaram suas marcas

Ismael Jales

A Eletrobras anunciou recentemente seu reposicionamento. Três anos depois da privatização da estatal, a empresa passa ser chamada de Axia Energia. O projeto de rebranding foi conduzido pela Tátil Design, mais Artplan, Grito e Clima. Fundada em 1962 como Centrais Elétricas Brasileiras, era conhecida como Eletrobrás. Em 2010, a companhia assumiu de vez o nome Eletrobras, porém sem acento. E agora investe na nova nomenclatura, que, em grego, significa valor. A empresa informa que a nova identidade consolida seu processo de transformação iniciado em 2022.

Embora a mudança tenha surpreendido parte do público, a alteração de nome de corporações é mais comum do que se imagina. Grandes companhias são rebatizadas, trocam de identidade visual ou lançam marcas associadas por diferentes motivos: reposicionamento, fusões, entrada em novos segmentos ou renovação de imagem.

Confira algumas mudanças marcantes



A mais recente entre as grandes mudanças corporativas, a Eletrobras anunciou que passará a se chamar Axia Energia. Privatizada em 2022, a companhia é a maior geradora de energia renovável do Hemisfério Sul, responsável por 17% da capacidade de geração do país e 37% das linhas de transmissão do SIN. Segundo a companhia, a nova marca reflete o foco em inovação e sustentabilidade. A corporação tem 81 usinas (47 hidrelétricas, 33 eólicas e uma solar).



Sadia e Perdigão sempre foram marcas icônicas da indústria nacional de alimentos. Quando se uniram, surgiu a BRF Brasil Foods, que mais tarde

se transformou apenas em BRF. Neste ano, a Marfrig anunciou a incorporação da dona das duas marcas, resultando na criação da companhia MBRF. A união busca fortalecer a presença no mercado nacional e internacional, ampliando portfólio e capacidade de produção.



A CCR, que administra rodovias e o transporte metropolitano em São Paulo (Via Mobilidade), anunciou em abril deste ano a mudança de seu nome para Motiva. Segundo a empresa, a alteração faz parte de uma nova estratégia de marca, alinhamento organizacional e fortalecimento da cultura corporativa.



Em 2018, a Eletropaulo passou a se chamar Enel Distribuição São Paulo, consolidando a integração à companhia italiana Enel, que havia adquirido o controle da empresa no ano anterior. Mais recentemente, a Enel unificou suas operações no país sob a marca Enel Brasil, com as cores da bandeira nacional.



Em 2020, a construtora Odebrecht passou a se chamar Novonor, em tentativa de se afastar dos escândalos de corrupção que marcaram o grupo, especialmente durante a Operação Lava Jato. “Estamos apresentando a marca de uma empresa inteiramente transformada e que passa a contar sua história olhando para o futuro”, declarou a companhia à época.



Outra marca que mudou de nome ao longo do tempo foi a JBS. A decisão não esteve ligada aos escândalos, mas a uma estratégia de reposicionamento. Quando abriu capital em 2007, a empresa atuava apenas no segmento de carne bovina. Como já planejava expandir para frango e carne suína, o nome Friboi se tornou limitado. JBS são as iniciais de José Batista Sobrinho, fundador e pai dos irmãos Joesley e Wesley Batista. **E**

O navio de guerra USS Gravelly aportou em Trinidad e Tobago para exercícios próximos à costa da Venezuela

MARTIN BERNETTI / AFP



Águas turbulentas

Com porta-aviões e bombardeiros, governo Trump cerca Maduro por mar e ar; ofensiva conta com oito navios de guerra no Caribe

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, parece longe de reduzir seus esforços contra Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, e tem intensificado recados ao governo. Entre sobrevoos na região e envio de navios militares, a Casa Branca mira na estratégia de sufocar o líder venezuelano a todo custo e pode contar com uma ajuda do Brasil para intermediar um acordo.

O mais novo capítulo do conflito entre os dois países aconteceu no início da semana. A marinha americana atracou um navio destróier no porto de Trinidad e Tobago, a cerca de 10 quilômetros da costa venezuelana. A embarcação ficou por lá por quatro dias e deixou o porto na manhã de quinta-feira, 30. Oficialmente, a Casa Branca informou que o envio do navio de guerra foi para exercícios militares no arquipélago. Mas a interpretação de especialistas é que a operação foi mais um recado a Maduro. A tese é corroborada pelo governo venezuelano, que suspendeu o acordo de energia que tinha com o país vizinho.

O embate entre os dois países existe há alguns anos, mas foi intensificado

em agosto, quando Trump enviou aeronaves à Venezuela sob o argumento de que era necessária uma operação contra o cartel de drogas que seguia pelo Pacífico em direção aos Estados Unidos. Ao menos dez embarcações venezuelanas foram bombardeadas desde setembro. Na mesma ocasião, o governo americano reforçou a recompensa de US\$ 50 milhões pelo paradeiro de Maduro. A administração Trump associa esses cartéis a ele, que rebate as acusações.

O ataque mais recente aconteceu na quarta-feira, 29. O Exército dos Estados Unidos confirmou o bombardeio a um barco no Pacífico, matando quatro pessoas. No dia anterior, os militares atacaram quatro outras embarcações, que provocaram a morte de mais de 12 pessoas. A operação norte-americana contra o cartel de drogas na Venezuela já deixou mais de 60 vítimas fatais, segundo a imprensa internacional. Em resposta, Maduro anunciou a interceptação de três aviões usados para o narcotráfico provenientes do “norte”, sem citar os EUA. As aeronaves teriam decolado de ilhas do Caribe. O líder venezuelano também enviou militares para a costa do país e intensificou as

operações na região para inibir uma “invasão dos EUA”.

Trump, no entanto, não aparenta dar atenção aos revides de Maduro. Além do envio do destróier para a costa de Trinidad e Tobago, o chefe da Casa Branca determinou uma operação aérea com dois bombardeiros B-1B sobre o mar do Caribe. As ações da aeronáutica americana duraram cerca de 14 horas, chegando a ficar no limite dos 32 quilômetros da costa da Venezuela. Essa é a terceira operação desse tipo em apenas duas semanas.

O presidente americano prometeu enviar nos próximos dias o grupo do porta-aviões Gerald Ford para o Caribe. No total, a operação militar para as águas da região contará com oito navios de guerra, um submarino nuclear e caças F-35.

Em meio a toda essa tensão, surgiu no horizonte um aceno de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). No encontro que teve com o chefe da Casa Branca, o presidente brasileiro disse que a América Latina é uma região de paz. Ele se colocou à disposição para intermediar um acordo que impeça um conflito armado entre os países. **E**

Sem trégua

Menos de 24 horas após anunciar a retomada do cessar-fogo, Israel bombardeia Gaza; acusações mútuas de violações aumentam incertezas sobre o acordo

Menos de um dia após anunciar a retomada do cessar-fogo, o governo de Israel voltou a atacar a Faixa de Gaza nesta quinta-feira, 30. As forças israelenses realizaram bombardeios aéreos em diferentes pontos do território, incluindo Khan Younis, no sul, e áreas próximas à Cidade de Gaza. Fontes palestinas relataram ao menos dez ataques na região sul, com a destruição de um prédio da companhia elétrica local.

Segundo o exército israelense, os bombardeios foram “ataques de precisão” contra “infraestruturas terroristas que representavam ameaça às tropas” nas zonas ainda ocupadas. O novo episódio amplia as tensões de uma trégua já considerada frágil, acordada em 10 de outubro e restabelecida na tarde de quarta-feira, 29, após uma onda de violência que deixou 104 mortos – entre eles, estariam 46 crianças – em retaliação à morte de um soldado israelense.

As horas seguintes à retomada do cessar-fogo mostraram que a trégua não se consolidou. Tropas israelenses atacaram um depósito de armas no bairro de Al Salatin, a sudoeste de Beit Lahia, no norte de Gaza, onde ao menos duas pessoas morreram, de acordo com o Hospital Al Shifa. Outro bombardeio atingiu o campo de refugiados de Al Maghazi, no centro do enclave palestino. O exército também informou a destruição de instalações consideradas bases do Hamas em Khan Younis.

A escalada reacendeu as acusações mútuas de violação do acordo. “O Hamas está enganando Israel, os Estados Unidos e o mundo”, afirmou uma porta-voz do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, em coletiva com a imprensa estrangeira. O movimento islâmico respondeu denunciando uma “escalada insidiosa contra o povo palestino” e acusou Tel Aviv de tentar “impor novas realidades pela força”, minando o cessar-fogo.

Diante do recrudescimento da violência, as Nações Unidas pediram a Israel que respeite suas obrigações sob o direito internacional humanitário. O Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Türk, afirmou na quarta-feira, 29, que Israel é responsável por “quaisquer violações” do direito internacional humanitário e advertiu que os ataques recentes colocam civis em risco. O secretário-geral António Guterres condenou “veementemente os bombardeios israelenses contra civis em Gaza, incluindo muitas crianças”, e reforçou que todas as ações que prejudiquem o cessar-fogo devem ser imediatamente interrompidas. Em Gaza, as ruínas e a falta de eletricidade reforçam a sensação de impasse.

Enquanto isso, líderes internacionais tentam preservar o diálogo. Durante reunião em Busan, na Coreia do Sul, o presidente norte-americano Donald Trump e o líder chinês Xi Jinping afirmaram que a trégua “voltou a vigorar” na Faixa de Gaza. Xi elogiou o papel de Trump “em alcançar o acordo”, enquanto mediadores do Catar garantiram continuar atuando para sustentar o cessar-fogo.

Os ataques das últimas horas, contudo, expõem a fragilidade de qualquer entendimento. A escalada de violência evidencia que a paz segue distante. A guerra civil em Gaza já deixou milhares de mortos, deslocou mais de um milhão de pessoas e destruiu grande parte da infraestrutura do enclave. **E**

Exército israelense voltou a atacar a Faixa de Gaza; onda de violência deixou 104 mortos



O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

México

País está perto de acordo com EUA sobre tarifas

A presidente do México, Claudia Sheinbaum, afirmou que o país está perto de concluir um acordo com os Estados Unidos para eliminar 54 barreiras comerciais ainda pendentes. Após conversar por telefone com o presidente Donald Trump, Claudia anunciou que as negociações serão prorrogadas por "mais algumas semanas", abrangendo setores como comércio, energia e agricultura. Ela destacou que o diálogo tem avançado e garantiu que o pacto "respeita a soberania nacional". "Nunca aceitaremos qualquer tipo de intervenção no México", afirmou.

Chile

Candidato à presidência quer barrar imigrantes

O candidato de extrema direita José Antonio Kast, aparece como favorito à presidência chilena. Ele prometeu criar um "escudo fronteiriço" para impedir a entrada de imigrantes irregulares pelo Peru e pela Bolívia. O plano inclui cercas, valas, sensores e câmeras de vigilância, além de reforço militar e policial. Kast também defende a expulsão de estrangeiros sem documentos e suas famílias. A proposta surge em meio ao aumento da insegurança, associada por parte da população à imigração ilegal, estimada em 337 mil pessoas, sobretudo de origem venezuelana.

Argentina

Inflação em queda impulsiona vitória de Milei

A vitória do partido do presidente Javier Milei nas eleições legislativas argentinas reflete a combinação de oposição enfraquecida e queda da inflação. O partido A Libertad Avanza superou o peronismo, que perdeu fôlego após anos de crise econômica e escândalos. Mesmo com cortes severos e alta do desemprego, parte do eleitorado manteve apoio ao governo pela percepção de estabilidade e recuo dos preços. Analistas apontam que o temor de um novo colapso cambial e a falta de alternativas sólidas da oposição consolidaram o triunfo do presidente ultraliberal.



França

Polícia prende sete suspeitos de roubo no Louvre

A polícia francesa deteve na quinta-feira, 30, cinco suspeitos ligados ao roubo de joias da coroa francesa no Museu do Louvre, elevando para sete o total de presos. Dois homens, de 34 e 39 anos, capturados no sábado, já tinham sido acusados e encarcerados, após admitirem parcialmente participação no assalto de 19 de outubro, quando quatro ladrões invadiram o museu e fugiram em motos após levar oito joias avaliadas em 88 milhões de euros. As novas prisões ocorreram em Paris e arredores, com vestígios de DNA ligando um dos detidos diretamente ao crime. As joias ainda não foram recuperadas.

Sudão

ONU exige fim da violência após massacre em hospital

A ONU apelou nesta quinta-feira, 30, para o fim imediato das hostilidades em El Fasher. no norte de Darfur, após relatos de que forças paramilitares mataram mais de 460 pessoas dentro da maternidade Saudi Maternity Hospital. O general Mohamed Hamdan Daglo, comandante das Forças de Apoio Rápido (FAR), reconheceu "uma catástrofe" na cidade, tomada no domingo, 25, após 18 meses de cerco. A ação marca um novo estágio no conflito que começou em abril de 2023 entre o exército oficial e os paramilitares. A Organização Mundial da Saúde (OMS) relatou que os acessos à região permanecem bloqueados, "complicando a entrada de ajuda humanitária".

Camarões

Presidente Paul Biya conquista oitavo mandato

O presidente de Camarões, Paul Biya, foi reeleito para um oitavo mandato, aos 92 anos, com 53,66% dos votos, segundo anúncio do Conselho Constitucional de Camarões. Ele está no poder desde 1982 e poderá governar até cerca dos 99 anos, cenário que o torna um dos líderes políticos mais antigos do mundo. A vitória desencadeou protestos violentos em várias cidades do país, com opositores alegando fraude e denunciando repressão policial. O principal rival, Issa Tchiroma Bakary, obteve oficialmente 35,19% e não reconheceu o resultado.

Hollywood contra-ataca

Novo recurso de vídeo da OpenAI fez explodir o uso de imagens de artistas, atletas e personalidades – alguns mortos – e provoca a ira da indústria do entretenimento

Alessandro Martins

Quem passa horas navegando pelas redes, pode ter se deparado nas últimas semanas com vídeos excêntricos – e até assustadores – com famosos e figuras históricas em situações inusitadas. Um deles mostra o Rei do Pop, Michael Jackson, roubando um balde de frango no KFC, ou atendendo clientes em um caixa do Walmart. Em outra leva, a rainha Elizabeth II leva o público ao delírio ao pontuar contra a lenda do basquete Kobe Bryant. Essas cenas têm em comum o fato de terem sido criadas por meio do Sora 2, a versão mais recente da ferramenta de Inteligência Artificial generativa para vídeo da OpenAI.

Lançada no início de outubro, a aplicação chegou para bater de frente com o Veo 2, do Google, e suas criações se espalharam como incêndio nas redes sociais. “É uma espécie de ChatGPT para a criatividade, e a sensação é de diversão”, declarou Sam Altman, CEO da OpenAI em um post feito em seu blog.

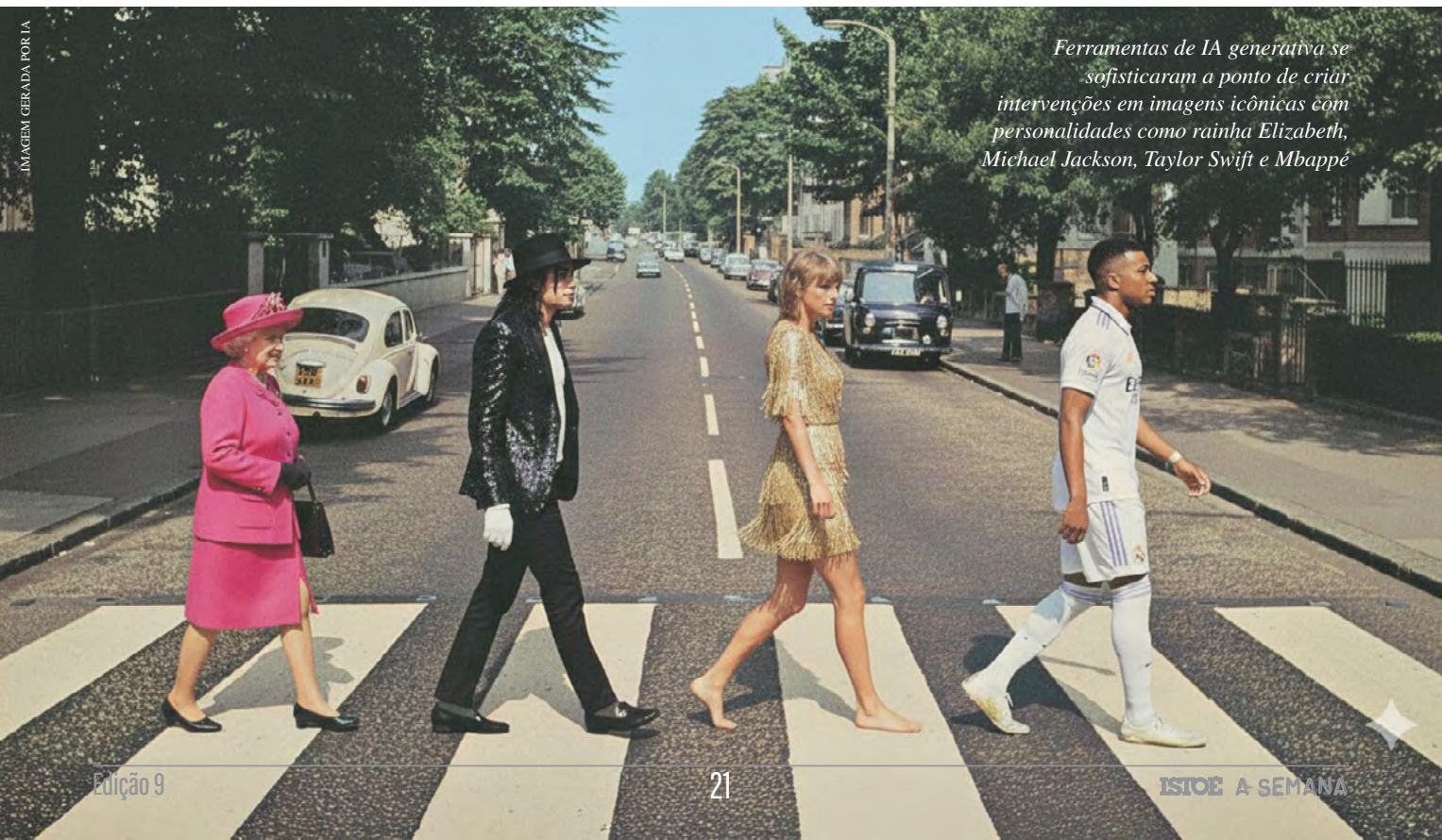
Em poucas horas, vídeos gerados pela ferramenta mostravam Altman praticando pequenos furtos em lojas, ou roubando artes do diretor Hideo Miyazaki, do Studio Ghibli, invocando a polêmica da febre de artes geradas por IA que se apropriavam do estilo do

estúdio japonês – Miyazaki, um cineasta reverenciado por obras como “A Viagem de Chihiro” e “Castelo Animado”, já afirmou publicamente querer distância desse tipo de tecnologia.

Há alguns anos, nem o mais pessimista dos lordes de Hollywood poderia imaginar que uma avalanche de pessoas teria o poder de contar com artistas e personagens famosos em cenas de seus vídeos, construídos de forma convincente. Isso sem ter de desembolsar um caminhão de dinheiro na produção. Ou, ao menos, eles não acreditavam que isso se daria tão cedo.

Casos como o da atriz Scarlett Johansson, que em 2024 ouviu a própria voz ser incorporada a uma assistente virtual, ajudaram a levantar questionamentos sobre os perigos do uso inadequado da tecnologia. Mas agora a crítica ganhou intensidade. Após o lançamento do Sora 2, a CAA (Creative Artists Agency), agência de talentos americana que representa gigantes co-

Ferramentas de IA generativa se sofisticaram a ponto de criar intervenções em imagens icônicas com personalidades como rainha Elizabeth, Michael Jackson, Taylor Swift e Mbappé





Elizabeth II, Kobe Bryant, Michael Jackson, Tupac e Martin Luther King foram personalidades usadas em vídeos do Sora 2

mo Brad Pitt, Martin Scorsese e Meryl Streep, divulgou uma nota acusando a OpenAI de explorar o trabalho dos artistas. Para a empresa, a ferramenta oferece um “risco significativo” à indústria e a seus integrantes, profissionais que estão diante e a atrás das câmeras.

Nos corredores de Hollywood, a questão que ronda é: a OpenAI e as demais empresas com tecnologias semelhantes acreditam que humanos, escritores, artistas, atores, diretores, produtores, músicos e atletas merecem ser compensados e creditados pelo trabalho que criaram em virtude dos vídeos reais feitos pela IA generativa?

Nos Estados Unidos, há exceções que permitem o uso de material protegido por direitos autorais, o chamado “fair use” (uso justo). Essa regra permite, em certas condições, o uso de obras protegidas sem necessidade da autorização do autor, mas, de acordo com especialistas, empresas como a OpenAI cruzam a linha aceitável dessa utilização.

“O Escritório de Direitos Autorais dos Estados Unidos deixou claro que alguns usos dificilmente se encaixariam nessa exceção, como cópia de livros inteiros para gerar conteúdo”, explica Marina Garrote, coordenadora de pesquisa do Reglab, centro que desenvolve estudos sobre regulação e tecnologia, entre outros temas que impactam a sociedade.

Não demorou para o CEO da gigante da IA se pronunciar comunicando mudanças: maior controle “granular”

aos artistas e criadores, permitindo que elas optem se querem ou não ser parte da ferramenta, e é claro, compensá-los pelo uso de imagem.

Uma medida concreta veio na semana passada. A OpenAI bloqueou o Sora 2 de criar vídeos retratando Martin Luther King Jr. após uma ação movida na Justiça pela família do icônico líder dos direitos civis.

Enquanto vídeos torpes, como os que colocam o físico Stephen Hawking fugindo da polícia, continuam se multiplicando na internet, a OpenAI anunciou oficialmente que se tornará uma empresa com fins lucrativos, o que vai permitir bilhões em novos investimentos e invenções ainda mais atraentes para instigar a “criatividade” do público.

Por aqui, o Sora 2 ainda não está disponível, mas pessoas com acesso, sejam de fora do país ou usando VPN (rede virtual privada), já começaram a integrar personalidades nacionais em suas criações. “A legislação brasileira de direitos autorais não tem uma regra equivalente ao fair use. Então, em tese, a utilização de imagens protegidas seria uma violação à lei”, afirma Marina.

Produtoras do mercado audiovisual brasileiro observam o cenário e tentam filtrar o que consideram valioso nas ferramentas de IA, tentando encontrar um meio-termo e estabelecer uma maneira ética e legal de usá-las.

A O2 Filmes, gigante brasileira do audiovisual que conta com obras como

“Cidade de Deus”, “Xingu” e “VIPs” no currículo, decidiu investir na área há pouco mais de um ano, apostando em uso de ferramentas que podem diminuir custos e auxiliar profissionais reais, dispensando aplicações que operam no “campo mágico” do Sora 2.

Efeitos especiais, por exemplo, não são fáceis de criar – e não são nada baratos. A IA pode ser uma aliada não para gerá-los do zero, mas como facilitadora para os artistas, diminuindo o custo e o tempo das produções. As cenas de ação com faíscas e grandes explosões podem finalmente deixar de ser uma exclusividade hollywoodiana.

“Usamos ferramentas para renderizar variações em cima de um modelo que a gente mesmo desenhou, com uma câmera que a gente decidiu, com pessoas reais envolvidas em todo o processo”, conta Thomas Frenk, diretor da Bot, empresa de IA da O2 Filmes.

Segundo ele, os avanços nessa área vão ajudar pequenas produtoras a assumirem projetos maiores, mas reforçou que algumas estão assustadas com os impactos do avanço.

“Realizamos reuniões com outras produtoras e não dá para negar que o impacto do Sora será enorme, com locais de menor regulação servindo como campo de teste. Primeiro nas redes sociais, depois na publicidade, televisão, com nuances e adaptações para cada universo. É um cenário difícil de prever”, afirmou. **E**



Dormir com qualidade, entre 7 e 10 horas, é exemplo de descanso físico passivo

UNSPLASH/ITALY GARIEV

Muito além do sono

Especialistas explicam os tipos de descanso que o corpo e a mente precisam, como o sensorial e o emocional

Marina Fornazieri

Que uma boa noite de sono é essencial para descansar, todos sabem. E é normal que dormir seja a principal escolha para restaurar o corpo e a mente, afinal, é um hábito que regula as funções básicas do organismo, melhora o foco e a concentração, fortalece o sistema imunológico e regula os hormônios.

Mas além do sono, existem também outras formas importantes de relaxamento. Exercícios físicos, atividades criativas, caminhadas, pausas e até mesmo conversar entre amigos podem ser formas de descanso, como explica a psicóloga Renata Koizumi, membro da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). “O descansar não precisa ser necessariamente o dormir, mas é aquele momento de desligar a mente para o mundo e olhar para si”, afirma.

E esse momento pode se traduzir de diferentes maneiras, dependendo da

rotina, tipo de trabalho e disponibilidade de cada pessoa. “Uma pessoa que trabalha diante de telas, por exemplo, pode encontrar maneiras de descansar meditando, ouvindo música ou caminhando ao ar livre. A escolha é muito individual”, explica a especialista.

A importância de descansar

Um levantamento do Instituto Ipsos, realizado a pedido do Nubank, mostrou que os brasileiros dedicam apenas 26% da vida adulta ao tempo livre, o equivalente a quase 15 anos. O estudo também ressaltou que as mulheres dispõem de ainda menos tempo para si, já que muitas enfrentam a dupla jornada entre o trabalho e as responsabilidades domésticas.

Embora pareça óbvio, esses dados mostram que muitas vezes é necessário ressaltar a importância do descanso, para o corpo e a mente. Só para citar

um exemplo, de acordo com um experimento publicado na revista científica *Cell Reports*, fazer pequenos intervalos durante uma atividade pode melhorar o aprendizado.

A médica e pesquisadora norte-americana Sandra Dalton-Smith ficou conhecida por propor a existência de sete tipos de descanso no livro “Sacred Rest” (“Descanso Sagrado”, em tradução livre): o descanso físico, mental, sensorial, criativo, emocional, social e espiritual.

Na hora de escolher um tipo de descanso, ou um mix deles, é importante testar o que funciona melhor dentro de cada rotina e estilo de vida. “É preciso encontrar uma atividade que seja prazerosa e que a leve para esse lugar de descanso”, sugere Renata.

Um estudo recente publicado pela Harvard Business Review mostrou que praticar atividades prazerosas no tempo livre pode ajudar a recarregar o corpo, assim como o sono, resultando em bem-estar e um desempenho melhor no trabalho. Os pesquisadores sugerem atividades feitas intencionalmente para fortalecer conexões sociais, melhorar habilidades ou ajudar a definir metas individuais.

Entenda, a seguir, os principais tipos de descanso, de acordo com a proposta de Sandra, com exemplos de atividades que podem trazer benefícios para a saúde mental e física.

1 Descanso Físico

O descanso físico, para relaxar o corpo, é um dos principais tipos de descanso e pode ser ativo ou passivo. Dormir com qualidade, com sono entre 7 e 10 horas, é um exemplo de descanso físico passivo. Existe também o descanso físico ativo, que pode se traduzir em atividades como ioga, massagens, alongamentos, levantamento de peso, andar de bicicleta ou praticar esportes.

“Os exercícios funcionam como descanso porque é uma descarga de energia, as pessoas desligam do mundo e concentram no exercício, se sentem aliviadas”, explica o médico do sono Sérgio Barros Vieira.

2 Descanso Mental

O descanso mental pode ser aplicado independentemente da rotina ou tipo de profissão de cada pessoa, por meio de pequenas pausas durante o dia.

“Estamos em uma sociedade que vive de desempenho de produtividade constante e por isso precisamos treinar essa capacidade de parar, seja 5, 10 minutos para tomar um café, uma água, desligar o celular e diminuir o ritmo. Isso também é uma forma de descanso”, exemplifica Renata.

3 Descanso Sensorial

O descanso sensorial consiste em desligar e se afastar dos estímulos visuais e sonoros como telas, luzes, barulhos e notificações. Isso pode se manifestar em momentos de silêncio, longe do celular, claro.

Esse tipo de atividade pode beneficiar especialmente pessoas que trabalham com atendimento ou tecnologia, por exemplo.

Vale lembrar, que desligar as telas antes de dormir também é fundamental para ter um sono com mais qualidade, como alerta o médico do sono Sérgio Vieira: “Olhar o celular ou televisão antes de dormir atrasa o início do sono profundo; a pessoa não descansa”. Em vez de pegar o celular, ele recomenda outras atividades simples antes de dormir, como ler um livro.

4 Descanso criativo

O descanso criativo pode ser praticado com atividades manuais que estimulam a criatividade, como pintura, desenho ou colagem, ou admirando algo que inspire esse senso criativo em caminhadas ao ar livre.

Um exemplo do descanso criativo atual foi o viral movimento dos livros de colorir, conhecidos por “Bobbie Goods”. “Os livros de colorir são muito usados como atividade terapêutica porque fazem com que as pessoas saiam das telas e fiquem horas imersas ali, descansando a mente”, diz Renata.

5 Descanso emocional

O descanso emocional pode ser praticado em certos momentos do dia para expressar seus sentimentos ou refletir. Fazer terapia, escrever um diário ou conversar com um amigo ou parceiro são bons exemplos desse tipo de descanso.

Fazer uma pausa no trabalho para um café pode relaxar a mente da rotina intensa



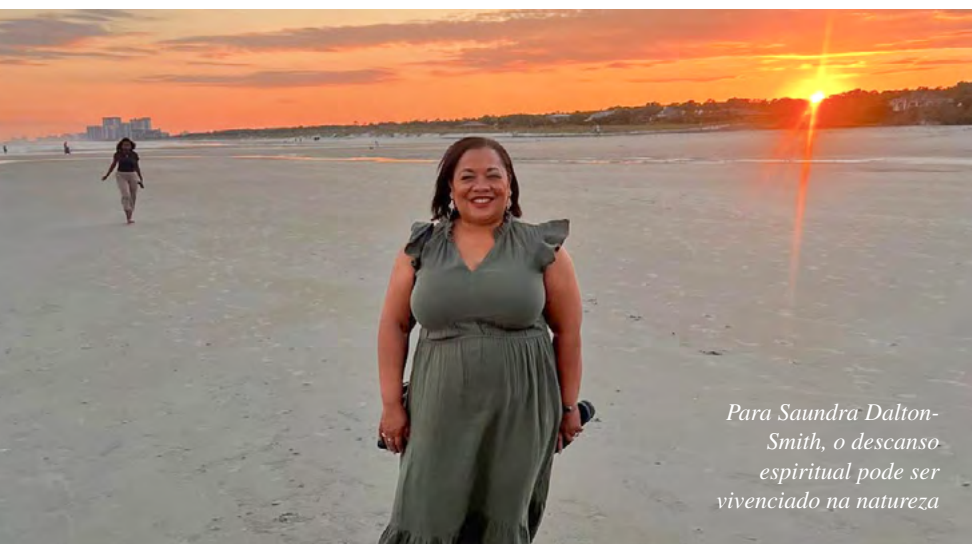
UNSP/SHRIK MCLEAN

6 Descanso social

O descanso social pode ser praticado estando presente com pessoas que te fazem bem, como familiares, parceiros e amigos, ou estando sozinho, dependendo da rotina ou necessidade. O tempo sozinho pode ser em um momento de autocuidado, segundo Renata. “Tomar um banho relaxante ou fazer as unhas, também são uma forma de descanso. Você está ali olhando para você, se conectando com você, olhando para suas necessidades internas”, explica a psicóloga.

7 Descanso espiritual

O descanso espiritual, por sua vez, acontece quando a pessoa se conecta com algo que ela considera maior ou profundo. Pode ser praticado em rituais, celebrações religiosas, meditações. Mas também pode ser vivenciado em contato com a natureza, uma vez que ficar ao ar livre promove a sensação de relaxamento e bem-estar. **E**



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Para Sandra Dalton-Smith, o descanso espiritual pode ser vivenciado na natureza



*Foram dois meses de viagem
em um percurso já afetado
pelas mudanças climáticas*

Travessia pelo clima

Primeira latina a completar famosa rota no Ártico, a Passagem Noroeste, a navegadora Tamara Klink alerta: o gelo marinho está derretendo no período em que deveria crescer

Lena Castellón

Aos 24 anos, a navegadora Tamara Klink já tinha feito história: cruzou o Atlântico em uma “travessia em solitário” em um veleiro de oito metros de comprimento, o Sardinha, sendo a mais jovem brasileira a cruzar sozinha o oceano. Hoje, aos 28 anos, ela soma mais um desafio em sua jornada: completou uma rota que 30 anos atrás só poderia ser cumprida em um quebra-gelo. Ela atravessou o trecho conhecido por Passagem Noroeste, no Ártico, entre Groenlândia e Alasca que conecta o Pacífico e o Atlântico. Foram dois meses em um veleiro de aço de dez metros de comprimento, o Sardinha 2, embarcação apropriada para navegar por águas que congelam. É a segunda mulher no mundo a realizar esse feito navegando sozinha, e a primeira latina.

O detalhe importante: a rota marítima foi completada plenamente porque as mudanças climáticas estão afetando a região. O Sardinha 2 não se deparou com o gelo que, em outras temporadas, teria impedido a navegação. “Os relatos de viagem escritos 50 e 100 anos atrás descrevem uma paisagem climática que dificilmente vai se repetir nos próximos verões. Esperava encontrar gelo marinho ao longo de toda a navegação, mas o encontrei em apenas 9% do trajeto”, conta Tamara, já de volta ao país.

Filha de Amyr Klink – o navegador que conquistou o Brasil depois de uma travessia pelo Atlântico feita em um barco a remo, durante 100 dias, em 1984 –, Tamara quer usar a experiência como alerta ambiental. “Temos invernos mais quentes do que antes, com

ondas de calor repentinas que derretem o gelo marinho e as geleiras no único período do ano em que poderiam crescer”. Seu plano é fazer com que sua mensagem ecoe pela COP30, a conferência do clima da ONU que começa no dia 10 de novembro, em Belém (PA), onde pretende estar pessoalmente.

Cumprido em dois meses, o desafio mostrou para ela a extensão atual do impacto da crise climática pela região. “Eu preferia que não fosse possível fazer a Passagem Noroeste. Trinta anos atrás, grande parte dessa passagem era coberta por mar congelado, mesmo durando o verão, e a navegação só era possível de forma parcial ou com o uso de navios quebra-gelo. Agora, o gelo derrete mais cedo e o mar fica líquido em mais lugares e por mais tempo durante o verão – e isso é preocupante para todos nós”, diz Tamara. Segundo a navegadora, o mar líquido é escuro e esquentado mais quando bate sol, fazendo a temperatura do mar aumentar ainda mais e derreter mais gelo. “Percorrer a passagem só foi possível por estarmos muito próximos do ponto de não retorno do gelo marinho. Temos de fazer tudo que está ao nosso alcance para evitar chegarmos nesse estado irreversível de aquecimento do oceano”, completa.

A Passagem Noroeste compreende um trecho de 6.500 km pelo Ártico.

Por séculos, exploradores tentaram encontrar um atalho entre Europa e Ásia, para economizar tempo e dinheiro nas rotas comerciais. Uma das ideias era “cortar caminho” pelo Ártico. A demanda gerou interesse de buscar um caminho pela porção entre a Groenlândia e o Alasca. Mas as condições extremas do gelo indicavam que essa travessia era praticamente impossível.

Marco na exploração polar

O norueguês Roald Amundsen foi o primeiro a percorrer toda a Passagem Noroeste com sucesso, entre 1903 e 1906. Ele e sua tripulação fizeram a jornada a bordo do navio Gjøa, partindo da Noruega e navegando por canais estreitos entre ilhas geladas do norte canadense. O feito foi histórico porque, até então, todas as expedições tinham fracassado — muitas terminando em tragédia. A viagem de Amundsen provou que a passagem existia de fato, mas também mostrou que ela não era prática para o comércio. A expedição virou um marco na exploração polar.

O percurso de Tamara também envolveu desafios. A Passagem Noroeste era a última etapa de um projeto de dois anos de navegação no Ártico a bordo do Sardinha 2, que incluiu uma travessia do Atlântico da França à Groenlândia e uma invernagem de oito meses sozinha no gelo, outro capítulo importante na história da filha de Amyr.

“Os desafios da navegação me intimidaram muito, e me fizeram questionar se eu seria capaz. Me preparei da melhor forma que pude, e acho que a experiência de navegar por dois anos entre icebergs me permitiu fazer a Passagem com segurança”, conta.



A jornada de Tamara teve icebergs, ventos fortes e urso polares

JCORREA

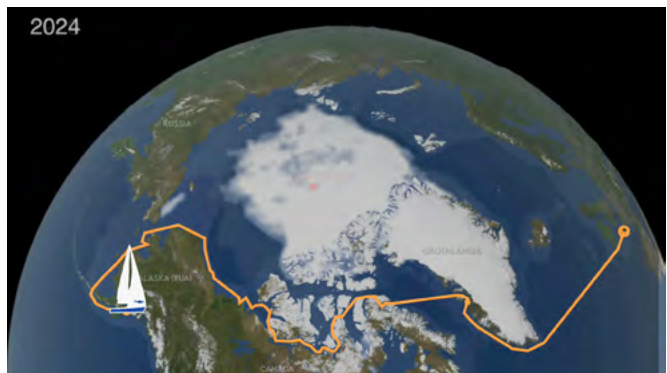
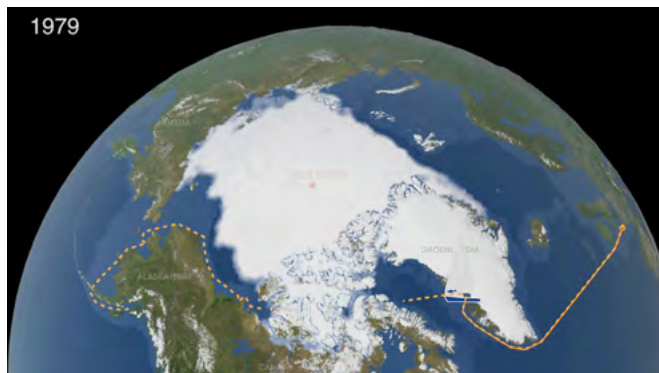
Como acontece desde a “travessia em solitário” pelo Atlântico, Tamara tem um diário de bordo veiculado pela mídia social. Ela compartilha com seus seguidores percalços, perrengues e belezas, na forma de vídeo, fotos e comentários. Desta vez, não foi diferente. Alguns momentos dessa jornada pela Passagem Noroeste geraram alta adrenalina para a navegadora e para o público que a acompanha. “Na Groenlândia, passei por muitas geleiras onde era preciso desviar de grandes icebergs. Em Nunavut, desviei de muitas pedras não cartografadas e encontrei ursos polares. No Alasca, precisei negociar com as tempestades, cada vez mais intensas com as mudanças climáticas”, revela.

Deparar-se com um urso polar era um receio de Tamara. Em uma ocasião, ela divisou um deles em um trecho em

terra usando um drone. A decisão foi mudar o rumo da viagem. Em outra, a mais tensa, ela estava descansando quando recebeu um aviso sobre a proximidade de um urso polar. Tamara procurou nas águas, sem saber que ele já estava no Sardinha 2. A navegadora se comunicou com outros viajantes em barcos nas cercanias para decidir o que fazer. Para navegar por esse trecho as regras impõem que os navegantes levem fuzis. Era sua última opção.

Em mais uma conversa pelo rádio, sugeriram fazer barulho com o motor ligado. A dica deu certo. Tamara ainda teve tempo de registrar o visitante indesejado. Emoções como essa e outras mais estarão no livro que ela prepara sobre a travessia. E vem aí também um documentário com os desafios pelos quais passou nessa viagem. **E**

Grande parte da Passagem Noroeste ficava coberta por mar congelado, mesmo no verão. Com o aquecimento, o quadro mudou



DIVULGAÇÃO

Futuros possíveis

Empreendedora, investidora e “shark thank”, Monique Evelle usa sua experiência para fortalecer mulheres nos negócios

Cristiani Dias



Monique apresenta “Elas Comandam”, que estreou neste mês na Rede Bahia

DIVULGAÇÃO

Estrategista de negócios, investidora, comunicadora e uma reconhecida palestrante sobre economia criativa, Monique Evelle faz parte de uma geração que redefine o que significa empreender no Brasil. É a primeira mulher negra e a mais jovem investidora do “Shark Tank” na história da franquia na América Latina – ela entrou para o time em 2023.

Ex-jornalista do programa “Profissão Repórter”, da TV Globo, Monique agora apresenta o programa “Elas Comandam”, da Rede Bahia, que estreou neste mês.

A produção é dedicada a fortalecer mulheres nos negócios. Esse projeto consolida sua trajetória, que combina impacto social, vocação empresarial e uma presença cada vez mais ativa na construção de um novo imaginário sobre liderança e representatividade.

Aos 31 anos, Monique divide sua vida entre Salvador, São Paulo e Barcelona, liderando mentorias, investimentos e projetos que unem tecnologia, cultura e propósito. Fundadora da plataforma Inventivos, criada em 2020, que conecta educação e inovação, ela afirma ter como missão preparar profissionais e empreendedores para “criarem carreiras e negócios melhores e sustentáveis”.

No “Shark Tank”, que está na 10ª temporada, ela busca ampliar o acesso de novos perfis de empreendedores ao ecossistema de investimento. “Tem pessoas que jamais se inscreveriam no Shark Tank e agora se inscrevem porque eu estou lá. É uma responsabilidade enorme, mas é também um lugar de passagem de bastão”, conta. O programa é exibido no YouTube e no Sony Channel.

Já no caso de “Elas Comandam”, Monique visita empreendimentos pes-

soalmente. “Vou até os negócios, vejo a operação de perto. É quase voltar às origens do ‘Profissão Repórter’, mas agora com a lente do empreendedorismo. E é simbólico fazer isso, porque Salvador é o berço da inovação do Brasil. O Brasil começou na Bahia, e vai recomençar também na Bahia”, afirma.

A investidora e empreendedora destaca o papel da ancestralidade e da tecnologia social nos negócios locais: “Mesmo que a gente não verbalize, tem muita ancestralidade ali. Não é só sobre vender, é sobre movimentar a economia de um bairro inteiro”, avalia.

A atuação de Monique reflete uma leitura crítica sobre o cenário contemporâneo da economia criativa, que hoje responde por quase 4% do PIB brasileiro, segundo a Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro). “Parece que só alguns são criativos. Mas toda pessoa é. Somos atravessados todos os dias por algo. O desafio é transformar isso em modelo de negócio, que seja recorrente e escalável. A economia criativa sustenta o país, mas há uma miopia dos fundos de investimento em reconhecer esse potencial”.

Essa visão pauta, inclusive, a tese de investimento da Inventivos, que passou a olhar não apenas para startups de base tecnológica, mas também para “marcas que criam cultura”, ditam comportamentos e formam comunidades. Ela explica seu posicionamento: “Quando me perguntam o que eu faço, digo que moldo futuros possíveis. Porque é isso: é fazer funcionar”, resume.

Com um portfólio de investimentos que inclui empresas como Café Quilombo, Dot Energy e Carteiro Amigo Express, Monique dá atenção especial à geração Z. “Ela consegue escutar, se adaptar e mudar muito mais rápido. E entende que visibilidade não paga boleto. Eu demorei três anos para atingir resultados que empreendedores da geração Z conseguiram em um. Eles têm convicção e agilidade para transformar produtos e negócios”, defende. Por outro lado, ela reforça a importância de critérios sólidos antes de investir: “Analisar cinco riscos, de time, de mercado, financeiro, regulatório e operacional. E gosto de empreendedores que mostram, não só falam. Ideia por ideia, todo mundo tem”, explica. **E**



Campeão na Basileia, João Fonseca atinge o 28º lugar no ranking mundial

Ascensão meteórica

Com 19 anos, João Fonseca fez história: o título no ATP 500 da Basileia levou o carioca ao seletor grupo dos 30 melhores tenistas do planeta

Ismael Jales

O tênis brasileiro tem um novo astro em ascensão. O carioca João Fonseca, 19 anos, vem deixando os espectadores do esporte boquiabertos com seu talento. Fonseca, que começou o ano na 113ª posição do ranking mundial, entrou nesta semana pela primeira vez no top 30, alcançando o 28º lugar, impulsionado por sua conquista no ATP 500 da Basileia, torneio na Suíça que venceu no domingo, 26.

Para conquistar seu maior título na carreira até o momento, o brasileiro derrotou o espanhol Alejandro Davidovich Fokina por 2 sets a 0, com parciais de 6/3 e 6/4. O troféu na Basileia foi a quarta conquista de Fonseca na temporada 2025.

No tênis, o ATP 500 é considerado um torneio de terceiro nível, ficando atrás apenas do ATP 1000 e dos Grand Slams, que concedem 1.000 e 2.000 pontos ao campeão, respectivamente.

As vitórias do “garoto prodígio” neste ano incluem o Challenger de Canberra (Austrália), o Challenger de

Phoenix (Estados Unidos) e o ATP 250 de Buenos Aires (Argentina). Em setembro, ele ajudou o time Brasil a avançar na Copa Davis, a maior competição por equipes do esporte.

Somente em 2025, seu primeiro ano completo no circuito profissional, o tenista já acumulou mais de US\$ 1,7 milhão em premiações. Na carreira, os ganhos somam US\$ 2,5 milhões, o equivalente a cerca de R\$ 13,7 milhões.

A vitória na Basileia tem um significado especial para o brasileiro. Trata-se da terra natal de seu ídolo Roger Federer, que venceu dez vezes a competição. “Desde criança, via o Roger na TV jogando esse torneio. É um prazer jogar nessa quadra. Com certeza, não será a última vez em que vou jogar aqui”, disse Fonseca após a conquista.

Ao alcançar o top 30 do ranking mundial, o tenista carioca igualou um feito de três grandes lendas do esporte. Federer, o sérvio Novak Djokovic e o britânico Andy Murray também chegaram a esse patamar com a mesma idade

do brasileiro. Quando Federer entrou pela primeira vez entre os 30 melhores tenistas do mundo, em 2 de outubro de 2000, Fonseca ainda não era nascido.

No início da semana, havia a expectativa de que nosso jovem talento do tênis pudesse ter mais conquistas. Fonseca disputou o Masters 1000 de Paris. Se faturasse o título, ele pode alcançar o 13º lugar no ranking mundial. Mas na quinta-feira, 30, ele foi derrotado e se despediu do torneio.

Para quem ainda não o conhece, vale dizer que seu sucesso vem de muito cedo. Vindo de uma família ligada aos esportes, o garoto foi estimulado desde pequeno a praticar diferentes modalidades. Sua mãe, Roberta, joga vôlei até hoje, na categoria Master.

Aos 11 anos, após se lesionar jogando futebol, ele decidiu que sua prioridade seria o tênis. A escolha se mostrou acertada e, rapidamente, Fonseca se tornou uma das maiores esperanças brasileiras na modalidade.

Na categoria juvenil, conquistou o título do US Open, um dos quatro Grand Slams do tênis, em 2023, e chegou ao posto de número 1 do mundo. Com o sucesso precoce, passou a receber convites para torneios profissionais. Sua estreia foi em casa, no Challenger do Rio de Janeiro, aos 15 anos, em 2021.

Em 2022 e 2023, conquistou vitórias no circuito profissional, ainda dividindo atenções com o juvenil. Após o título no US Open 2023, passou a se dedicar exclusivamente ao circuito profissional. Desde então, o céu parece ser o limite para o jovem tenista. **E**



Henrique teve uma arritmia cardíaca em 2023. Foi operado e se preparou para o Mundial

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Superação máxima

Depois de enfrentar um problema cardíaco raro, Henrique Marques dá a volta por cima e conquista o mundial de taekwondo na categoria 80 kg

André Ruoco

Por muito tempo, Henrique Marques ouviu que sonhar alto era para poucos. Nascido e criado em Porto das Caixas, região periférica de Itaboraí, no Rio de Janeiro, ele cresceu em meio a valões que transbordavam, ruas sem saneamento e poucas perspectivas. O bairro, apelidado pejorativamente de “vale da merda”, era o retrato da desigualdade. E foi dali que

saiu o primeiro brasileiro campeão mundial de taekwondo.

A conquista inédita aconteceu em Wuxi, na China, na competição que se encerrou nesta quinta-feira, 30. Foi lá que Henrique, aos 23 anos, alcançou o topo do mundo em uma modalidade que conheceu por acaso, ainda na infância. O menino que observava os treinos de longe hoje carrega no peito

a medalha de ouro, em uma trajetória marcada por fé, disciplina e superação.

Henrique tinha oito anos quando se aproximou do tatame. Na época, praticava jiu-jitsu em um projeto social. Chegava cedo aos treinos e ficava, curioso, assistindo à equipe de taekwondo. Foi então que uma atleta olímpica mudou seu destino: Iris Sing, representante do Brasil nos Jogos Rio 2016 e medalhista pan-americana.

Iris percebeu o interesse do garoto e, durante um culto, ofereceu à mãe dele, Rosiane, uma bolsa que cobria metade da mensalidade – os outros R\$ 25 a família daria um jeito de pagar. A partir dali, ele mergulhou no esporte que transformaria sua vida.

Mas nem sempre o caminho foi linear. Por volta de 2014, o adolescente chegou a trocar o kimono pelas chuteiras. Tentou a sorte no futebol, atuando como atacante pelo Gonçalense, onde foi campeão niteroiense, e chegou a passar por peneiras no Botafogo e no Grêmio. A falta de recursos, porém, impediu que continuasse.

Foi Rosiane, mais uma vez, quem o fez repensar os rumos. Henrique voltou aos tatames e logo se destacou. Com o treinador Diego Ribeiro – que começou dando aulas no quintal de casa em Itaboraí – encontrou estrutura e incentivo para lapidar o talento que o levaria à elite do esporte.

Entre a arritmia e a glória

Mesmo já consolidado como promessa do taekwondo, Henrique enfrentou outro obstáculo, dessa vez, no coração. Em 2023, foi diagnosticado com uma arritmia cardíaca rara. Após uma cirurgia em dezembro, voltou aos treinos em janeiro do ano seguinte. O retorno, guiado por resiliência, culminou meses depois na medalha de ouro no Mundial de Taekwondo, na China. A vitória foi celebrada como símbolo de superação e representatividade.

Na competição, o Brasil brilhou também: ficou no top 3. Além da medalha de Henrique, o país conquistou ouro com Maria Clara Pacheco na categoria até 57 kg. E obteve duas pratas. Uma delas com Milena Titoneli (67 kg); outra com Edival Pontes, o Netinho (74 kg). É o melhor desempenho brasileiro no mundial de taekwondo. **E**



Fan store em São Paulo
abre as portas no dia
20 de novembro

JAY MAWSON

À moda do Oasis

Adidas lança coleção inspirada na relação dos irmãos Gallagher com a marca; São Paulo ganha fan store, que abre às vésperas das apresentações no Brasil da turnê Oasis Live'25

Os fãs do grupo Oasis, que fará show em São Paulo nos dias 22 e 23 de novembro, já podem preparar seus bolsos para se vestirem inspirados nos irmãos Noel e Liam Gallagher. A Adidas anunciou o lançamento global da coleção “Oasis Live'25”, que replica o nome da turnê da banda de Manchester, que voltou a tocar nos palcos após um hiato de 15 anos, 10 meses e 12 dias. A linha de roupas, que estará disponível para venda no dia 14 de novembro, faz um revival dos anos 1990. Naquela década, agasalhos e tênis da marca faziam parte do visual britânico que também foi adotado pelos músicos.

O estilo nasceu das arquibancadas de estádios de futebol no Reino Unido. Noel e Liam, torcedores fanáticos do Manchester City, adotaram esse look, influenciando, por tabela, o público que curte suas músicas.

Nos shows da turnê, que deu largada em 4 de julho, em Cardiff (País de

Gales), os fãs têm se vestido de Oasis: uma das peças mais famosas desse look é o bucket hat, o chapéu que Liam costuma usar. Nesse giro mundial, os mais fanáticos pela banda podem contar com lojas oficiais temporárias para emular o estilo dos artistas. Lá, estão à venda produtos aprovados pelos irmãos e seus agentes – e nem todas as peças são da Adidas. Nas fan stores estão disponíveis itens como vinis e também outras roupas, que contemplam camisetas com capas de álbuns do grupo.

Vale ressaltar que a loja temporária não é da Adidas, como a empresa de artigos esportivos informou a IstoÉ. A fan store foi aberta por um empresário, que aposta no sucesso da turnê. Os ingressos no Brasil, disponibilizados em novembro do ano passado, foram vendidos em cinco horas.

Na capital paulista, a fan store abre as portas no dia 20, na Projeto 2005, no Largo da Batata, em Pinheiros. Para fa-

cilitar a vida dos consumidores, foram criados acessos por horários para que as pessoas possam visitar o espaço e conferir os produtos ligados à turnê. Todas essas faixas de horas foram preenchidas rapidamente e já não há mais vagas.

Quem conseguiu acesso à lojas (que funcionará até o dia 28 de novembro), poderá comprar roupas masculinas, femininas e infantis – de camisetas a moletons. Também estarão à venda os itens da nova coleção da Adidas. Entre as estampas das camisetas estão reproduções das artes de álbuns e singles clássicos da banda, como “Definitely Maybe”, “(What’s The Story) Morning Glory?”, “Wonderwall” e “Supersonic”. Outro item que promete atrair a atenção é, claro, o bucket hat.

Relação antiga

No caso da Adidas, os fãs terão à disposição 26 peças clássicas em diversas cores. Entre os destaques estão

Estilo de vida

agasalhos Firebird (favoritos de Noel), camisetas retrô de três listras (visual de Liam em um jogo beneficente dos anos 1990), bucket hats e jaquetas esportivas. As roupas estarão disponíveis nas lojas da marca, em parceiros selecionados e no e-commerce (adidas.com.br/oasis). Os valores ficam entre R\$ 279,99 (uma camiseta de manga longa com as três listras características da Adidas) e R\$ 999,99 (uma jaqueta ao estilo de treinador).

Os itens também poderão ser adquiridos nos estádios da turnê Oasis Live'25. Como a coleção é global, as

peças estarão à venda nos estádios da Austrália, Argentina e Chile, onde a banda irá se apresentar. Em São Paulo, os shows acontecem no Morumbis. A apresentação no Brasil encerra a turnê.

Noel e Liam têm uma relação com a marca que já dura 30 anos. E isso é celebrado em uma campanha que divulga a coleção, "Original Forever". O vídeo, que está no YouTube, mostra momentos de shows em lugares como Wembley, Heaton Park e Rio, ao som do hit "Live Forever". No fim, surgem os irmãos nos bastidores da volta da banda aos palcos, neste ano. **E**

Liam tem uma relação de 30 anos com a Adidas

TOM SHEEHAN

Turnê e consumo

Oasis não é algo apenas para se ouvir. Os fãs demonstram que é também para se vestir. A banda embarcou, nesta turnê, em uma tendência que conecta tours de grandes nomes da música a uma experiência de compra, atendendo ao desejo do público de usar roupas e acessórios que replicam o estilo dos artistas. Taylor Swift tinha merchandising oficial ligado à turnê "The Eras Tour", em 2024, com pop-up stores abertas em cidades por onde se apresentou. Neste ano, o giro de Beyoncé feito para o álbum "Cowboy Carter" contou com trailers e espaços que se transformaram em lojas de produtos para a turnê.

As primeiras fan stores do retorno da banda de Manchester foram abertas no início da turnê. A gravadora Warner Music Group lançou, no Reino Unido, lojas temporárias, por meio de sua divisão de produtos, WMX, vendendo as onipresentes camisetas a itens como copos e talheres.

Na cidade dos irmãos Gallagher, a primeira fan store foi aberta em 20 de junho – fãs teriam formado filas já de madrugada para serem os primeiros a adquirir uma roupa da turnê. Uma fintech especializada em pagamentos online divulgou em julho que os bucket hats tiveram suas vendas aumentadas em 79% no comparativo ano a ano.

No total, a Oasis Live'25 soma 41 apresentações. Nesse trajeto, foram montadas 18 fan stores, as últimas delas em Melbourne, Sydney (Austrália), Buenos Aires (Argentina), Santiago (Chile) e São Paulo, que fecha a turnê e o giro de compras.

Coleção para fãs

Camiseta de três listras: **R\$ 399,99**

Agasalho Firebird: **R\$ 599,99**

Jaqueta ao estilo coach: **R\$ 999,99**

Camiseta de jersey, com logo da turnê: **R\$ 699,99**

FOTOS DIVULGAÇÃO

Fonte: adidas.com.br

Comida



O quitute virou alimento obrigatório em padarias, festas e bares de todo o país, como no Pirajá



No Esquina do Sousa, o recheio é de frango desfiado, refogado com cebola, alho, sal, requeijão e salsinha



FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

No Bar Original, a farinha do empanamento também é temperada e leva sal, pimenta preta e alho refogado

A coxinha perfeita

Chefs ensinam truques e mostram como preparar o salgado para que ele fique crocante por fora e cremoso por dentro

A coxinha, um dos salgados mais emblemáticos da culinária brasileira, tem origens que remontam ao final do século XIX. As versões mais conhecidas de sua história atribuem a criação do quitute à cidade de Limeira, no interior de São Paulo. Segundo a história, o salgado nasceu quando uma cozinheira do Império precisou adaptar um prato elaborado — coxa de frango servida à moda francesa — para agradar o filho da princesa Isabel. Para facilitar o consumo, a carne foi desfiada, temperada e moldada em formato de coxa, envolta em massa e frita até ficar dourada.

O resultado agradou tanto que a receita logo se espalhou pelos arredores e conquistou o paladar popular. Outras versões indicam que a coxinha pode ter nascido durante a industrialização em São Paulo, frente à necessidade de alimentação dos trabalhadores no século XIX.

Com o tempo, o preparo se tornou presença obrigatória em padarias, bares e festas de todo o país; tendo ganhado versões regionais e recheios variados.

À Revista Menu, chefs de bares com coxinhas tradicionais em São Paulo compartilham suas dicas para obter a coxinha perfeita em casa.

Atenção ao ponto da massa

Leite, manteiga, farinha de trigo e sal são os ingredientes da receita da chef Tati Balbino, do Esquina do Sousa, que tem duas unidades na zona oeste da capital paulista (uma na Pompeia e outra na Vila Leopoldina).

“Primeiro, aquecemos o leite e a manteiga na panela e colocamos o sal. Depois, entramos com a farinha e mexemos até formar uma massa e desgrudar da panela”, explica. A massa deve desgrudar da panela, mas ainda estar macia o suficiente para modelar.

Capriche nos recheios

O frango inosso pode comprometer até mesmo uma coxinha com boa massa. Por isso, Tati sugere desfiar a proteína e refogar com cebola, alho, sal, requeijão e salsinha.

Acerte o empanamento

Para Guillermo Teran, chef do Bar Original (que fica em Moema, na zona sul) e Pirajá (que tem unidades espalhadas pela cidade), a farinha de rosca é a melhor opção para empanar coxinhas. Um blend com farinha panko ajuda a atingir o resultado perfeito. Ele recomenda temperar também os ovos e a farinha do empanamento com sal, pimenta preta e alho refogado, para quem gostar.

“Eu gosto de passar a coxinha na farinha de trigo, depois mergulho em uma mistura de ovos e leite, e finalizo na farinha de pão”, diz Tati, que também sugere apertar levemente a coxinha na farinha de rosca. Dessa forma, o quitute fica firme e não desmancha.

Esquente o óleo na medida

A dica dos chefs é fritar as coxinhas em óleo aquecido a 180°C. Assim, elas ficam cremosas por dentro e crocantes por fora, sem absorver muito óleo. **E**

O momento do cinema brasileiro

Expectativa do Brasil para o Oscar 2026, “O Agente Secreto” brilha na Mostra Internacional de São Paulo; Wagner Moura fala das chances do filme em Hollywood e defende leis de incentivo à cultura

Marília Barbosa



“O Agente Secreto” teve sessões na Mostra e contou com a presença de parte do elenco no evento, como Wagner Moura

Uma das expectativas do público que acompanhou a 49ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, que se estendeu do dia 16 até esta quinta-feira, 30, na capital paulista, estava em ver na tela a aposta do Brasil para o Oscar 2026: “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho. O longa, que entrará no circuito comercial no dia 6 de novembro, teve exibições no evento, integrando a programação que

contou com 374 filmes de 80 países. A procura pela produção foi intensa e os ingressos se esgotaram rapidamente. Ainda mais que o elenco e o diretor estiveram na Mostra.

Protagonista do filme, Wagner Moura, 49 anos, declarou que o caminho para uma possível participação de “O Agente Secreto” no Oscar já começou. O representante do Brasil na disputa pela estatueta de Filme Inter-

nacional na premiação de Hollywood ganhou mais credenciais para essa disputa, aumentando a esperança do brasileiro por uma dobradinha – neste ano, “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles Jr conquistou o prêmio. Na terça-feira, 28, o longa-metragem de Mendonça foi indicado nas categorias Melhor Atuação, com Moura, e Melhor Roteiro Original no Gotham Awards, premiação do cinema independente americano.

Vale ressaltar que, no caso do Oscar, o filme brasileiro ainda precisa passar por mais duas etapas na corrida pelo prêmio de Filme Internacional. No dia 15 de dezembro, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas – que organiza a premiação mais famosa da indústria – irá revelar os 15 títulos da pré-lista. E em janeiro, serão indicados os cinco filmes que vão concorrer à estatueta. O Oscar 2026 será em 15 de março.

Moura – que interpreta na longa o personagem Marcelo, um homem fugitivo de um passado misterioso, na época da ditadura – não hesitou ao falar das chances de o Brasil conquistar a estatueta novamente. “A gente está fazendo tudo direito, mas acho que temos de ter calma, respirar. Quando começa a ter indicações de outras premiações, como o Gotham e o prêmio que Kleber ganhou do Critics, aí passo a dizer que o caminho está parecendo mais real do que há duas semanas”, declarou. Na quinta-feira, 24, o diretor pernambucano foi reconhecido pelo Critics Choice Celebration of Latino Cinema & Television pela direção do longa “O Agente Secreto”.

Conhecido também por dirigir “Bacurau” (2019), Mendonça comentou que estava fora do Brasil havia 38 dias para participar de diferentes festivais nos Estados Unidos e na Europa. “Tenho vontade que esse filme seja descoberto por pessoas muitos jovens, que descubram no cinema algo muito interessante sobre o Brasil. Nosso país tem questões com a memória”, salientou.

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL



LAURA CASTOR

O ator fez um desabafo a respeito do boicote às leis de incentivo à cultura no Brasil em coletiva de imprensa feita no lançamento do filme na Mostra. Moura disse ter preguiça de reforçar a obviedade da importância do investimento do país na cultura e exaltou o momento do cinema nacional.

“Estou tão cansado dessa conversa, mas é tão ruim ver um ataque coordenado. Sou fruto das leis que incentivam a cultura. Eu insisto nisso porque na Bahia, nos anos 1990, houve leis que possibilitaram que atores do teatro baiano, como eu, o Lázaro [Ramos], o Vladimir [Brichta], pudessem existir como artistas”, afirmou o artista.

Cotado pela imprensa internacional como candidato ao Oscar de Melhor Ator, Moura destacou as memórias que “O Agente Secreto” promete deixar na cultura mundial. “Um país precisa se ver na sua cultura, precisa se olhar. Nenhum país se desenvolve sem se olhar, sem se ver. Quando a gente vai para fora com esse filme e as pessoas veem o Brasil, é um negócio a mais, é um bônus. Porque as pessoas lá fora também vão ver e dizer ‘olha só, perna cabeluda, que coisa louca’. Eu acho maravilhoso isso”, disse, fazendo referência a uma lenda urbana que entra no contexto do filme. “É uma imagem que a gente está levando para fora, mas,

sobretudo, somos nós aqui nos vendo”, completou.

O protagonista de “O Agente Secreto” ressaltou ainda que a caracterização de Marcelo o fez lembrar de sua infância. “Aquela camisa que ele usa, com o peito cabeludo meio aparecendo, me lembrou muito o meu pai. Apesar de a ditadura ter acabado em 1985, os ecos ficaram ali. Eu me lembro dos meus pais falando coisas baixinho, e eu não entendia o porquê”, recordou-se.

Outra integrante do elenco chamou atenção: Tânia Maria, 78 anos. A atriz, que fez sua estreia no cinema como figurante em “Bacurau”, dá vida a Sebastiana em “O Agente Secreto”. Ela mandou um recado aos etaristas de plantão, que se incomodam com a sua chegada tardia à indústria. “A idade é o que a pessoa quer. Se você quer ser velha, seja velha. Eu não sou. Eu costuro, sei decorar as coisas, trabalho, não sou velha”, exclamou a atriz, que viu em Wagner Moura um professor.

Empolgado com o comentário da colega de elenco, Moura complementou: “A primeira cena que filmei era com a dona Tânia mostrando o apartamento para mim. Dá para ver que, na cena, eu estou só olhando para ela e pensando: ‘que mulher incrível’. Estava impressionado, abestalhado, apaixonado por ela”.

Alice Carvalho, que interpreta a esposa de Marcelo no filme, falou da importância de atuar ao lado de uma atriz como Tânia Maria. “Estou com 29 anos, tenho amigas atrizes de 38, 40, 41, 42, muitas vezes tomadas pelo sentimento de que a carreira acabou. Que estão novas para interpretarem mães ou novas demais para serem filhas de alguém. É um mercado muitas vezes etarista”, frisou.

“O Agente Secreto” foi o filme mais premiado do ano no Festival de Cannes, em maio. Wagner Moura venceu o prêmio de Melhor Ator, Kleber Mendonça Filho o de Melhor Diretor e o filme levou o prêmio da crítica. O filme tem lançamento previsto em mais de 90 países da América do Norte, América Latina, Europa, Ásia e Oceania. **E**



VICTOR ILLCA

Indy foi dirigido pelo seu tutor, que captou imagens desde que o cão era filhote



FOTOS DIVULGAÇÃO

O bom garoto do cinema

Filme de terror, “Good Boy” traz como protagonista um cachorro; diretor é o tutor do astro canino, que ganhou apoio para disputar o Oscar de ator

Um cachorro é o herói improvável do filme de terror “Good Boy”, que estreia nesta quinta-feira, 30, nos cinemas brasileiros. Dirigido por Ben Leonberg, o longa surpreende por contar a história pelo ponto de vista do cão, interpretado por Indy, um cão da raça retriever da Nova Escócia – ou Nova Scotia Duck Tolling Retriever. O animal acompanha seu tutor, Todd, para uma casa isolada no interior. E ele percebe que algo sombrio está à espreita pelos cômodos.

Com duração de 73 minutos, a trama é contada com poucas falas. Afinal, o personagem central não se comunica na linguagem humana. Indy toca o público principalmente pela força de seu olhar. O espectador acompanha o esforço do cão em prote-

ger Todd. A dedicação do animal conduz a narrativa, transformando o que poderia ser mais um filme de gritos e sustos em uma experiência que angustia por outro aspecto: Indy vai sofrer alguma dor? Ele morre?

Leonberg sabe que esse temor é real – a tal ponto de o filme ter ido parar em um site chamado doesthedogdie.com, criado nos Estados Unidos por gente que pode até ver um massacre de serra elétrica em humanos, mas que não suporta a ideia de um bicho ser machucado em qualquer obra de ficção.

Sem entregar spoilers, o diretor explica que Indy não passou por dor alguma, nem temores. Ele assegura que o cão sequer sabe que participou de um filme. Leonberg fala com propriedade: é o tutor de Indy, que cria desde que ele

era um filhote – e que está no projeto do filme também desde pequeno, com cenas registradas pelo diretor e que foram parar no longa.

“Good Boy” foi desenvolvido em três anos. No início, o diretor, que também é roteirista, não imagina que seria seu cão a interpretar o personagem que criou. Leonberg fez testes com alguns cachorros. No fim, foi Indy que se saiu melhor.

Esses três anos de desenvolvimento do projeto até lembram outra produção, mas que se estendeu por muito mais tempo: “Boyhood”, de Richard Linklater. Ele filmou parte do elenco ao longo de 12 anos. Em “Good Boy”, Leonberg foi aprendendo, no processo de filmagem, alguns truques que ajudaram na construção da história. Como revelou, embora Indy não soubesse que estava em um filme, ele entendia que a câmera significava algo. E sobre ele ficar assustado, o diretor garante que o cachorro não passou por nenhuma experiência do gênero. Em suas palavras, são as cenas e a filmografia que induzem o público a sentir medo e isso faz com que as pessoas projetem no cão todos seus temores.

Segundo Leonberg, dois filmes são especiais na inspiração do projeto: “O Iluminado” (1980), de Stanley Kubrick, e “Poltergeist” (1982), de Tobe Hooper e com Steven Spielberg como um dos roteiristas. No primeiro caso, quem chama sua atenção é o personagem Danny, um menino que foi interpretado pelo ator mirim Danny Lloyd, que tinha seis anos à época. Ele é a representação da inocência. Já em “Poltergeist”, uma das cenas traz um golden retriever, que capta que há algo estranho na casa, mas nada além disso é mostrado em relação ao cão.

Nos Estados Unidos, o filme já estreou e a recepção tem sido tão positiva que motivou um movimento curioso nesta temporada de premiações. Em outubro, começou a circular uma carta aberta “assinada” por Indy (cujo nome foi inspirado no personagem Indiana Jones), divulgada pela distribuidora IFC (especializada em filmes independentes), pedindo, em tom bem-humorado, que a Academia de Hollywood considere animais para concorrer nas categorias de ator do Oscar. **E**



Carol Garcia faz Elize; Marina Ruy Barbosa é Suzane;
e Bianca Comparato interpreta Anna Jatobá

Elas no crime

Série “Tremembé”, do Prime Video, dá foco a três crimes sórdidos que envolvem mulheres; psicóloga chama atenção para risco de romantização das personagens reais

Letícia Sena

A série “Tremembé”, que estreia nesta sexta-feira, 31, no Prime Video, promete gerar um debate controverso: o modo como o Brasil enxerga e trata mulheres envolvidas em crimes de grande repercussão. A produção conta a história de casos que chocaram a população – e que tiveram seus autores presos no complexo prisional de Tremembé, no interior paulista. Entre eles, estão três nomes que ficaram amplamente conhecidos: Suzane von Richthofen, Elize Matsunaga e Anna Carolina Jatobá.

A penitenciária 1 de Tremembé simboliza como a notoriedade pode influenciar julgamentos sociais e criar uma zona híbrida entre celebridade e infâmia, em que o crime passa a ser entretenimento. Ela é até chamada de “prisão dos famosos”. Suzane (interpretada por Marina Ruy Barbosa na série) foi julgada pela morte dos pais,

crime bárbaro que encomendou e que foi executado pelos irmãos Cravinho. Elize (papel de Carol Garcia) foi condenada pelo assassinato do marido, que foi esquartejado. E Anna (vivida por Bianca Comparato) foi para o presídio como corresponsável pela morte de Isabella Nardoni, de cinco anos.

Dados nacionais apontam que as mulheres representam de 10% a 20% das pessoas envolvidas em redes criminosas, mas a reação social aos crimes femininos tende a ser muito mais intensa. A psicóloga jurídica Patrícia Barazetti explica que esse descompasso está associado à violação de expectativas culturais.

“Quando uma mulher comete um crime violento, o impacto costuma ser maior porque ela rompe com os papéis atribuídos à feminilidade: cuidadora, protetora, emocional. Enquanto os homens são avaliados pelo risco que re-

presentam, elas oscilam entre a figura monstruosa e a vítima das circunstâncias. Isso gera julgamentos morais muito mais pesados”, avalia.

Segundo Patrícia, o imaginário coletivo insiste em procurar explicações sentimentais, a exemplo de ciúme e infidelidade, como se crimes tivessem sempre uma justificativa afetiva. “Mas os fatores são tão complexos quanto em casos masculinos: traços de personalidade, origem familiar, abusos sofridos, escolhas conscientes e até interesses materiais”.

Com uma estética que combina humor ácido, crítica social e reconstrução dramática, “Tremembé” promete repercutir entre o público. A questão é saber de que forma isso se dará. Para Patrícia, o equilíbrio na narrativa é o grande desafio.

“O risco do entretenimento é transformar autoras de crimes graves em personagens fascinantes, neutralizando a gravidade dos atos. A mídia, historicamente, reforça caricaturas: ‘a assassina fria’, ‘a mulher traída’. Quando o público compra o rótulo, deixa-se de compreender a complexidade humana por trás do delito”.

Por outro lado, ela destaca que uma abordagem cuidadosa pode ampliar a consciência social. “Quando retratamos os fatores que antecedem a violência sem negligenciar o rigor jurídico, o produto cultural pode educar. A pergunta que precisa estar sempre no centro é: estamos discutindo a realidade ou explorando tragédias como espetáculo?”.

Ao colocar holofotes sobre Tremembé, a série expõe ainda uma dinâmica cada vez mais evidente: a transformação da execução penal em evento de interesse coletivo. “A notoriedade faz com que a pena ultrapasse os limites legais. A sociedade passa a vigiar, punir e interpretar comportamentos dentro da prisão como se fosse um reality show”, diz Patrícia. “Quando se julga mais o nome [do criminoso] do que o ato, a justiça corre riscos”.

Para ela, é importante não desumanizar, nem romantizar. “A mulher que mata não deve ser tratada como exceção inexplicável ou como alguém que apenas reagiu ao caos da vida. É preciso mostrar que existem decisões, estratégias, interesses e, sim, consequências”, completa. **E**

Teatro

Uma mulher do teatro

Em cartaz com “O Casal Mais Sexy da América”, no Rio de Janeiro, Vera Fischer conta que não escolheu ser atriz: foi escolhida

Sofia Magalhães



Vera Fischer:
das incertezas do
início da carreira
à segurança
sobre o palco

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Depois de rodar por algumas cidades brasileiras, a peça “O Casal Mais Sexy da América” chegou ao Rio de Janeiro. No palco do teatro Clara Nunes, estão Vera Fischer, Leonardo Franco e Vitor Thiré em uma trama centrada na vida de dois atores veteranos, que estrelaram uma série de TV 30 anos atrás. O roteiro combina humor, crítica social, ética no trabalho, igualdade de gênero e envelhecimento.

Dona de uma carreira que ultrapassa cinco décadas, Vera, 73 anos, conta que, inicialmente, não pensava virar atriz. Em sua trajetória, ela brilhou com personagens icônicos de produções como “Coração Alado”, “Amor, Estranho Amor”, “Desejo” e “Riacho Doce”. No começo, porém, ela não tinha a segurança de que esta seria uma carreira em que se encaixaria. “Eu não escolhi [ser atriz], me escolheram”, conta.

Sua motivação era apenas “ter um trabalho” e “ganhar um salário”. Essa foi a razão que a levou a concorrer ao Miss Brasil de 1969. A catarinense de Blumenau venceu o concurso, aos 17 anos, e passou a viajar pelo país, apresentando-se em bailes e desfiles. “Tinha um salário no fim do mês. Isso me deu uma liberdade de poder não receber dinheiro do meu pai e morar no Rio com uma amiga”, recorda-se.

Sua virada para as telas se deu com um programa dos anos 1970 comandado pelo apresentador Flavio Cavalcanti. “Tinha um júri, composto por ex-misses, cantores e tal. Um dia me chamaram para fazer parte”, diz. “Fiquei um tempão. Um pouco depois, quando tinha 20 anos, fui chamada para fazer meu primeiro filme. Eu falei: ‘Vou fazer’, mas não me considerava atriz”.

Vera diz que estava tentando se sustentar para não depender de ninguém. Assim, fez o primeiro filme, depois, o segundo, o terceiro e foi indo. “Eles fizeram muito, muito sucesso”, emenda. Eram produções conhecidas como “pornochanchadas”, marcadas por temas como piadas de duplo sentido, erotismo, perda de virgindade e uma maior exibição do corpo feminino, ainda que sob a censura da Ditadura Militar.

“Em 1975, meu primeiro marido [Perry Salles], que era muito famoso no teatro, resolveu fazer um filme comigo. Era sobre uma mulher massacrada pela mídia e que tinha um marido que só queria ter uma mulher bonita para desfilar. Então, ela conhece um pintor e eles têm um romance”, lembra, referindo-se a “Intimidade”. “Nossa, eu tinha vergonha, porque eu falava: ‘Não vou conseguir fazer esse filme; ele é para uma

atriz de verdade’. Mas ganhei todos os prêmios com ele”. Esse foi divisor de águas para Vera: ela era uma atriz.

Após estelar filmes nas telonas e novelas na televisão – “Espelho Mágico”, “Sinal de Alerta” e “Os Gigantes” –, chegou a vez de a atriz finalmente enfrentar o teatro. Em 1983, Vera se apresentou em “Os Desinibidos”, montagem descrita como uma comédia surreal e musical: “Senti medo. O palco ia me engolir. Eu estava na frente das pessoas, ao vivo”.

Na visão de Vera, aquele espaço era para nomes como Fernanda Montenegro, Nathália Timberg, Eva Wilma. A primeira peça foi “um fracasso gigantesco” por ser “algo cabeça”, diferente das novelas. “As pessoas não gostaram. Mas ganhei mais outros prêmios com ela. Hoje, eu sou uma mulher do teatro.”

Com “O Casal Mais Sexy da América”, Vera ficará no Rio até o fim de novembro. Depois, em 2026, deve encenar a peça pelo Nordeste. “Ela é muito necessária para os dias de hoje”, declara. A história toca em pontos vulneráveis, como aponta. No caso dos homens, uma das fragilidades é o desempenho sexual, talvez. No das mulheres, “a vergonha dos seus corpos, depois que ficam mais velhas”. E isso é debatido no palco. **E**

Filmes e séries

Música, heróis e criminosos

A semana tem Bruce Springsteen e terror brasileiro na telona. No streaming, destaque para "O Quarteto Fantástico"

FOTOS FOTOS DIVULGAÇÃO



Em cartaz no cinema

"Springsteen: Salve-me do Desconhecido"

Drama que retrata a jornada criativa de Bruce Springsteen (Jeremy Allen White), durante a produção do introspectivo álbum "Nebraska", em 1982. O longa foca nos desafios pessoais e artísticos do músico.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



"Enterre Seus Mortos"

Suspense nacional de Marco Dutra, ambientado em um cenário apocalíptico no Brasil. A trama acompanha Edgar Wilson (Selton Mello), um homem que recolhe animais mortos em estradas, e seu relacionamento com Nete (Marjorie Estiano). O elenco conta ainda com Danilo Grangheira e Betty Faria.



"Sonhos"

O drama explora a complexa relação entre um jovem bailarino mexicano (Isaac Hernández) e uma socialite poderosa, Jennifer (Jessica Chastain). A trama aborda as tensões de classe, poder e ambição quando segredos do casal vêm à tona.



"Guerreiras do K-Pop: Para Cantar Junto"

Versão especial "para cantar junto" (sing-along) da animação sobre um grupo feminino de K-pop. As integrantes levam vidas duplas como caçadoras de demônios, usando seus poderes para proteger os fãs de ameaças sobrenaturais e de uma boy band rival.

Destaques do streaming

"The Witcher - 4ª temporada"

Após os eventos que abalaram o Continente, Geralt (agora vivido por Liam Hemsworth) e Ciri enfrentam novos inimigos enquanto tentam se reunir em meio à guerra. Estreia no dia 30.

Netflix



"Cometiera"

Nesta série, uma garota da periferia da Cidade do México adquire um poder incomum: se ela come terra, consegue se comunicar com o solo. Desse modo, descobre o paradeiro de pessoas desaparecidas. A trama mistura crítica social e realismo mágico. Estreia dia 31.

Prime Video



"Gordon Ramsay: Serviço Secreto"

O chef britânico Gordon Ramsay assume missões disfarçadas para resgatar restaurantes em crise, unindo espionagem, adrenalina e culinária. O reality estreia no dia 31.

HBO Max



"Quarteto Fantástico"

Pedro Pascal (Reed Richards) e Vanessa Kirby (Sue Storm) lideram a chamada "Primeira Família" da Marvel em uma aventura ambientada nos anos 1960, enfrentando o poderoso Galactus. A estreia seria em 05/11.

Disney+



Cenário de guerra

A megaoperação nos complexos da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro, mobilizou a atenção dos leitores, sobretudo as notícias referentes ao número de mortos.

Megaoperação no Rio: mais mortos do que no massacre do Carandiru

O governo do Rio de Janeiro divulgou na quarta-feira, 29, que ao menos 119 pessoas, incluindo quatro agentes, foram mortas durante a megaoperação nos complexos da Penha e do Alemão, na terça-feira, 28. O número de mortos, no entanto, difere do balanço da Defensoria Pública do estado, que afirma que ao menos 132 pessoas foram mortas. Os dados mostram que a megaoperação causou mais mortes do que o massacre do Carandiru, quando 111 detentos foram mortos na Casa de Detenção de São Paulo.



345 mil 6,5 mil

Corpos enfileirados

Moradores do complexo da Penha, na zona norte do Rio, se mobilizaram para levar corpos de mortos durante a megaoperação policial de terça-feira, 28. Imagens de cadáveres enfileirados na praça São Lucas circularam nas redes e serviram como denúncia.



149 mil 1,6 mil

Bolsonaro preso até final de novembro?

Desde que a Primeira Turma do STF condenou o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) a 27 anos e três meses de prisão, especula-se quando a pena começará a ser cumprida. Por ser um processo jurídico complexo, a decisão deverá enfrentar alguns passos antes de ser efetivada. Especialistas calculam que isso pode ocorrer no fim de novembro.



151 mil 6,3 mil

Estudo aponta que vacina de Covid ativa defesa anticâncer

A vacina de Covid pode turbinar o tratamento contra o câncer? Um estudo recém-publicado na Nature mostrou que, quando aplicada próximo ao início da imunoterapia, a vacina de mRNA contra a Covid pode aumentar a resposta do sistema imune e melhorar a sobrevida de alguns pacientes oncológicos.



81 mil 4,5 mil



412 mil 19,7 mil

Vera Fischer abre o jogo sobre Globo

Eternizada por novelas como “Laços de Família”, “O Clone”, “O Rei do Gado” e “Senhora do Destino”, Vera Fischer relembrou sua demissão após cinco décadas na TV Globo. A atriz comentou se voltaria a trabalhar na emissora: “Para mim, não é mais importante”, desapareceu.

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaistoe

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoeedinheiro

Palavra por palavra



PABLO FORCIN/CULIA/ATP

"Não creio que estivesse alguém passeando na mata em um dia de conflito e, por isso, a gente pode tranquilamente classificar [os mortos como criminosos] e, se tiver algum erro de classificação, com certeza é residual, irrisório"

Cláudio Castro, governador do Rio de Janeiro, ao defender a operação policial nos complexos de favelas do Alemão e da Penha que deixou mais de 100 mortos

"Eu peço, enfim, perdão à sociedade brasileira e à história do país pelos equívocos judiciais cometidos pela Justiça Militar Federal em detrimento da democracia e favoráveis ao regime autoritário. Recebam meu perdão, a minha dor e a minha resistência"

Maria Elizabeth Rocha, presidente do Superior Tribunal Militar, em ato inter-religioso na Catedral da Sé, em São Paulo, que marcou os 50 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog, vítima da ditadura militar



REPRODUÇÃO



RICARDO STUCKERT/ITP

"Os usuários são responsáveis pelos traficantes, que são vítimas dos usuários também"

Luiz Inácio Lula da Silva, em coletiva de imprensa em Jacarta na Indonésia, quando falou sobre combate às drogas. Depois, ele se desculpou pela "frase mal colocada" e afirmou que seu posicionamento é muito claro contra traficantes e o crime organizado

"A gente está acostumada a medir o crescimento de uma classe pelo quanto ela comprou de televisão, de geladeira - e é importante porque um fogão é importante, mas isso é um bem que em cinco anos estará velho. Seria bom que a gente tivesse um crescimento em educação, em infraestrutura. Acho que a gente ainda não deu esse passo no Brasil"

Fernanda Torres, atriz, em evento promovido em São Paulo pelo Itaú Unibanco, do qual é garota-propaganda



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"As maiores ameaças para a maioria das pessoas não são o clima, mas sim a pobreza e as doenças. Entender isso ajuda a direcionar nossos recursos limitados de modo melhor"

Bill Gates, cofundador da Microsoft e filantropo, em memorando com críticas ao que chamou de "visão apocalíptica" sobre as mudanças climáticas

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

